

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS-LICENCIATURA**

PALOMA NEVES MOTTA

O CINEMA E O ENSINO DA ARTE: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO

**CRICIÚMA
2018**

PALOMA NEVES MOTTA

O CINEMA E O ENSINO DA ARTE: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva.

CRICIÚMA

2018

PALOMA NEVES MOTTA

O CINEMA E O ENSINO DA ARTE: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em educação e arte.

Criciúma, novembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestra (Unesc) – Orientadora

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutora - (Unesc)

Prof^a. DanielaCristina Zacarão Pereira
- Mestra- (Unesc)

Dedico esta pesquisa aos filmes que assisti e ainda assistirei. As pessoas que acompanharam, em especial a que aceitou o convite de me acompanhar nessa jornada e que compartilha da mesma paixão por cinema.

AGRADECIMENTOS

Peço licença para dizer que a primeira vontade que tenho é de agradecer aquela parte de “meu eu” que nunca deixou de sonhar e acreditar. Agradeço ao momento em que li o poema O corvo, onde conheci Poe, quem me insinuou a amar poesia e ver beleza na tristeza. A Freud por propiciar que eu me entendesse melhor. A Sherlock que me acompanha desde sempre. Aos filmes e livros que me deixaram sonhar e viver a partir deles. A Salvador Dali que por meio dos sonhos me despertou para a arte. Agora dedico-me a agradecer as pessoas que indireta ou diretamente contribuíram para esta escrita: Professora Kamilla, que não consigo descrever o quão especial foi e ainda é para mim, lembrando que disseste que eu me encontraria no curso de Artes? Pois bem, aqui estou! A Aline que me apoiou desde o primeiro semestre, me motivando tanto na graduação e no trabalho. Paula Marcelino, que mesmo longe se manteve perto durante quatro anos. Meus professores e professoras de graduação cuja admiração nas aulas faziam por muitas vezes meus olhos marejarem. Meus colegas, que compartilharam comigo seus saberes. Amigos Luana e Leo, que tiveram a paciência de aturar as peculiaridades do ser Paloma. A minha melhor amiga Fernanda, não consigo imaginar-me longe dela. A minha vizinha que mesmo não entendendo direito o que eu fazia, sempre deixou claro seu orgulho pelas minhas conquistas. Ao meu irmão e minha mãe que sempre me escutam, mesmo eu repetindo a mesma história. A meu pai, que nunca deixou de acreditar em mim, que além de pai foi amigo, meu maior apoiador, e que sem dúvidas (aqui choro de emoção, lembrando as vezes que fui abraçada pelo seu carinho e afeto). A Vitória que me compreendeu como ninguém no final desta trajetória, que foi capaz de ver aquilo que eu tanto escondia e temia, e me mostrou que era incrível. A todos as pessoas que toparam nesta vida comigo, e que de certa forma contribuíram para meu crescimento. Um obrigada mais do que especial para minha orientadora, pela paciência e zelo e por ter falado de cinema em suas aulas me mostrando que era possível. Agradeço a todos os artistas que acreditaram na arte. A todos os filmes que assisti. Agradeço a arte, pois o que seria de nós sem ela?

“V- Quer assistir?

Evey- Ele tem final feliz?

V- Como só o cinema pode fazer. ”

V de Vingança,2006

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo: Investigar quais as possibilidades do diálogo entre cinema e ensino da arte a partir da fala dos professores, e toma como campo de investigação os dizeres dos professores do Arte na Escola Polo Unesc. Como problema tem-se: Quais as possibilidades do diálogo entre cinema e ensino da arte a partir da fala dos professores do Arte na Escola Polo Unesc, e até que ponto essa fala dá conta da dimensão desse diálogo? Para elucidar o problema trago no referencial teórico as diferentes conceituações a respeito da linguagem do cinema e do ensino da arte, dentre eles Baptista (2018), Bernardet (2006), Duarte (2002), Fantin (2008), Pilloto (2008). Evidencia-se assim, acerca das definições sobre o cinema, o cinema na escola, cultura visual e formação de professores. A investigação encontra-se na linha de pesquisa “Arte e Educação” do Curso de Artes Visuais, com uma abordagem cartográfica e autobiográfica. A partir dos resultados coletados pela pesquisa de campo, foi possível reconhecer a presença do cinema nas aulas da arte, e das possibilidades que se estabelecem ao ser trabalhado dentro do ensino.

Palavras-chave: Cinema; Ensino da arte; Arte; Formação de professor.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 - Filme Jeca Tatu (Direção:Milton Amaral,1959)	22
Imagem 02 - Filme Lilya 4 ever (Direção: Lukas Moodysson (2002).....	23
Imagem 03 - <i>Quote</i> do filme O grande Hotel Budapeste (Direção: Wes Anderson: 2014).....	26
Imagem 04 - Cenas do filme Viagem à Lua de Georges Méliès (1902)	30
Imagem 05 – Filme <i>Begin Again</i> (Direção: John Carney,2014).....	34
Imagem 06 - Filme Cinema Paradiso (Direção: Giuseppe Tornatore,1988).....	35
Imagem 07 - Cena do filme Amores de Chumbo (em busca da carta).....	42
Imagem 08 - Cena do filme Amores de Chumbo (lendo a carta)	43
Imagem 09 - Cena da <i>performance</i> do filme Amores de Chumbo	43
Imagem 10 - Filme O menino e o mundo (Direção: Alê Abrel, 2013)	47
Imagem 11 - Filme A invenção de Hugo Cabret (Direção: Martons Scorsese,2012).....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN – Plano Comum Nacional

AE – Arte na Escola

PPA- Proposta de Pesquisa em Arte

FAEB- Federação dos Arte-Educadores do Brasil

ANPAP- Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas

ABEM- Associação Brasileira de Educação Musical

ABRACE- Associação Brasileira de Cultura e Educação

PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

DVD- Disco Digital de Vídeo

DVDteca- Documentários sobre arte brasileira acompanhados por um material educativo que oferece ao professor proposições pedagógicas.

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 QUESTAO METODOLOGICA.....	12
1.2 CAPITULO POR CAPITULO.....	14
2 O ENSINO DA ARTE E A CONTEPORANEIDADE:	16
2.1 UM POUCO DESTA HISTÓRIA.....	17
2.2 A QUE SE DEVE ESSA MUDANÇA NO ENSINO DA ARTE?.....	19
2.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: POLO ARTE NA ESCOLA.....	23
3 O CINEMA E SEU DIÁLOGO COM O ENSINO DAS ARTES	26
3.1 O QUE É CINEMA?	28
3.2 O CINEMA NA ESCOLA	31
3.3 A LEI Nº 13.0006, DE JUNHO DE 2014 - O CINEMA BRASILEIRO NAS ESCOLAS	35
4 O QUE DIZEM OS PROFESSORES? – PESQUISA DE CAMPO	39
4.1 CINEMA NAS MINHAS AULAS? – O ENSINO DA ARTE E CINEMA POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS	43
5 PROPOSTA DE CURSO	53
6 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE(S)	60
APÊNDICE A – QUETIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO	61
ANEXO(S)	62
ANEXO A — AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA	63

1 INTRODUÇÃO

O cinema. Ah! O cinema... Lembro-me de uma tarde chuvosa e fria em que eu e minha mãe assistíamos deitadas no chão da sala sob um tapete, cobertas por uma manta, o filme A.I Inteligência Artificial de Steven Spielberg. Não consigo escrever, nem dizer ou de alguma forma demonstrar como aquele filme me tocou naquele dia. Uma criança de seis, sete anos impactada com um filme no qual iria trazer memórias dele por muito tempo. Desde aquela tarde muitos filmes passaram por minha vida, eles me fizeram, chorar, sorrir, ficar brava, furiosa, curiosa, confusa, deslumbrada e me permitiram conhecer sobre os mais diversos assuntos. A partir da linguagem do cinema fui me construindo como sujeito, seja pelos filmes assistidos com a família, amigos, sozinha, em casa, no próprio cinema ou na escola; e particularmente assistir filmes na escola era maravilhoso, pois sempre tínhamos que escrever um resumo, resenha acerca do que foi assistido, ou quando não um debate sobre. Esse era o momento em que mais gostava: falar de filmes, mesmo sendo apenas sobre a “história/mensagem” que a obra queria passar (segundo os professores). Isso sempre se dava nas disciplinas de História, Geografia, Física, Ciência, Biologia... e lembrando agora nunca em Artes.

Como acadêmica de Artes Visuais licenciatura UNESC, tenho conhecimento de que o cinema é arte, é a sétima arte. Minha paixão por cinema floresceu com o tempo e a consciência que um filme pode fomentar conhecimento também. Com as vivências e experiências das aulas no decorrer do curso e a partir dos filmes que assistia fui tecendo conexões, reflexões e indagações e me perguntava como seria possível trabalhar o cinema na escola, em específico nas aulas de Artes? Dessa maneira no meu Trabalho de Conclusão de Curso, surgiu o problema de pesquisa: **Quais as possibilidades do diálogo entre cinema e ensino da arte a partir da fala dos professores do Arte na Escola Polo Unesc, e até que ponto essa fala dá conta da dimensão desse diálogo?** Para isso remeto-me as seguintes questões norteadoras: **Como se dá o desenvolvimento dessa linguagem nas aulas de Artes? Os professores trabalham com o cinema em sala de aula? Consideram importante o cinema para o ensino de arte? Se o cinema se faz presente de que forma reverbera nos alunos? Sobre a lei A Lei nº 13.006, de junho de 2014 que determina a exibição de filmes de produção, ela é de conhecimento dos professores?**

É impossível não falar que o cinema transformou minha vida, meu modo de perceber e estar no mundo. Estar fazendo essa pesquisa vai para além de uma realização pessoal e profissional, pois acredito que o cinema no ensino da arte é uma potência que permite desbravar novos territórios, quebrar barreiras, alargar horizontes. Enquanto pesquisa, há um caminho a ser percorrido, o qual se desenha a seguir, quando trato das questões metodológicas da pesquisa.

1.1 QUESTAO METODOLOGICA

Trilhei os mais diversos caminhos entre eles os caminhos graças aos filmes que assisti ao longo dos meus vinte anos, o que me permitiu ter experiências diversas. Nessa pesquisa não será diferente, estarei mergulhada em encontros com livros, vídeos, filmes, falas, reflexões, interpretações... percorrerei caminhos com o cinema, o ensino de arte, formação de professor por meio do Arte na Escola Polo Unesc, entre outros, visando estudar as possibilidades do diálogo entre cinema e o ensino da arte. Para isso remeto-me a Cartografia como metodologia de pesquisa por ser, nas opções que fiz, a que mais se adequa a esta proposta, pois ela me permite.

- “De início, uma conversa
- O que é cartografia?
 - É uma ciência geográfica que produz e estuda mapas.
 - Mas mapas de quê?
 - De territórios, ora bolas.
 - De territórios?
 - Sim. De países, cidades, regiões, estados...
 - Mas o que esse papo de geografia tem a ver com o que estou pesquisando?
 - Ora, até onde eu saiba, toda pesquisa trabalha com territórios.
 - Territórios? Hum, não entendi...
 - Sim, territórios. Podemos falar em territórios subjetivos, territórios afetivos, territórios estéticos, territórios políticos, territórios existenciais, territórios desejanter, territórios morais, territórios sociais, territórios históricos, territórios éticos e assim por diante.
 - Hum...
 - Cada saber lida com matérias que não são nada estanques, paradas, e que se caracterizam exclusivamente por serem relacionais, por estabelecerem relações entre si e com o seu meio.
 - E que matérias seriam estas?
 - Trata-se da vida, da subjetividade, de algo que é ao mesmo tempo singular e coletivo, que se faz entre o que é mais íntimo e aquilo que está fora, algo que está sempre em movimento, que nunca é exatamente uma coisa porque está sempre entre.
 - Acho que estou entendendo, embora esteja com uma pulga atrás da orelha...”
- (COSTA, 2014, p. 68)

A cartografia cunhada pelos franceses Gilles Delleuze e Félix Guattari, onde em 1980 apresentam na introdução do livro *Mil Platôs* o conceito do termo, é apontada por Costa como algo que é tratada como uma forma singular de pesquisa e análise, onde o pesquisador, o cartógrafo, valoriza os encontros. O autor defende que:

Se pudéssemos apresentar um elemento fundamental para uma prática cartográfica, este seria o encontro. Entretanto é preciso superar a noção comum de encontro como um “encontrar algo” ou “achar alguém ou alguma coisa”. O encontro, da forma como aqui falaremos, é da ordem do inusitado e nunca se faz sem um grau de violência (é claro que não estamos falando de uma violência física; mas de um movimento que é violento porque nos desacomoda e nos faz sair do mesmo lugar). (COSTA, 2014. p. 72)

Sobre o cartógrafo, Costa diz ainda que sua função é “Dar passagem, fazer passagem, ser passagem.” (2014, p. 75). É dessa forma que me percebo enquanto pesquisadora ao fomentar os objetivos que me guiam nesse trabalho: **Investigar quais as possibilidades do diálogo entre cinema e ensino da arte a partir da fala dos professores, considerando o diálogo teórico pertinente.** No sentido de melhor compreender como o cinema é trabalhado no ensino da arte, se realmente ele é trabalhado; Evidenciar diálogos entre cinema e ensino da arte; Identificar de que forma essa linguagem é trabalhada pelos professores de Artes; Evidenciar a importância da linguagem cinematográfica para o ensino da arte.

O uso também percorrer por uma metodologia autobiográfica onde minhas experiências e lembranças com o cinema me ajudam a dar seguimento neste trabalho. Sendo matéria prima da pesquisa autobiográfica

(...) a memória, resgatada sob a forma de lembrança narrada, permite ao sujeito tomar consciência de elementos que definem como ele se relaciona com suas percepções atuais. Se o sujeito adota hoje um dado posicionamento, a narrativa autobiográfica vai conduzir esse sujeito às experiências de vida e formação que delineiam esse posicionamento. A narrativa autobiográfica é uma prática de linguagem constitutiva da própria memória que se resgata. No processo de relato autobiográfico, eu me distancio de mim mesma, estabelecendo uma relação dialógica comigo, e nesse distanciamento eu consigo alcançar um nível mais alto de criticidade em relação ao que lembro e percebo. A partir do trabalho autobiográfico o sujeito também pode dar-se conta de seu maior ou menor grau de passividade diante da própria formação. (ALIANÇA, 2011 p.206)

Desta forma ao trazer minhas vivências relacionadas aos filmes muitas vezes assistidos ou comentados no tempo da escola consigo compreender mais de perto o fenômeno que é a linguagem do cinema no âmbito da educação.

A partir dos textos que tratam do cinema, ensino de arte, formação de professor, das conversas com os professores pesquisados, e presença nos encontros que ocorrem no Arte na escola polo Unesc buscarei transitar caminhos que me aproximem e me levem a proposição da pesquisa que se insere na linha de pesquisa Educação e Arte do curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc.

Para tanto, nos quatro meses que tive para o desenvolvimento desta pesquisa, propus coletar depoimentos dos professores que participam ou participaram dos encontros de formação do Arte na Escola Polo Unesc. Para a coleta desses depoimentos entrei em contato por e-mail com os professores que atualmente frequentam ou frequentavam os encontros, participei também dos encontros a fim de buscar uma aproximação maior e assim, encontrar conversas ricas para esta pesquisa.

Por quatro anos de curso estive em contato com o site do Instituto Arte Na Escola e pude ver o quão significativo e importante é esse projeto para o ensino de artes. Nesses últimos meses estive espreitando de longe as atividades do Polo Unesc, por conta do contato com as estagiárias que compartilharam as experiências dos professores e da própria coordenadora que sempre buscava evidenciar os trabalhos que estes professores desenvolvem na escola, a potência de seus projetos etc. Percebi que nesse espaço poderia ter a possibilidade de estar enriquecendo esta pesquisa, ao entrar em contato com o trabalho desses professores.

1.2 CAPITULO POR CAPITULO

No primeiro capítulo que já se faz como justificativa relato como tudo começou, a relação do cinema com a minha vida e os motivos que me levaram a esta pesquisa. Pontuo sobre as questões metodológicas onde recorro a Costa (2014) e Aliança (2011) para tratar do aparato teórico e mapeio os capítulos. No segundo capítulo evidencio questões acerca do ensino da arte na contemporaneidade ao falar da história do ensino de arte, o diálogo teórico se dá a partir de Ferraz e Fusari (1999,2009), Pillotto (2008), Freire (2011), Silva (2017). Já para falar da Relação com a cultura o diálogo acontece com Mariane Blotta Abakerli Baptista (2018), Hernandez (2007) e Illeris e Arvedsen (2016). Para dar início a escrita sobre cinema no terceiro capítulo com o título: O cinema e seu diálogo com o Ensino da Arte

percorro sobre O que é cinema? Amparada pelas pesquisas de Jean-Claude Bernadet (2006). Já ao falar de Cinema e Escola remeto-me à Rosália Duarte (2002), Bergala (2018), Martins (2007) e as entrevistas do Caderno de Cinema do Professor (2009). No capítulo quatro apresento então a pesquisa de campo, e por fim a conclusão, seguida das referências bibliográficas.

2 O ENSINO DA ARTE E A CONTEMPORANEIDADE:

Diferente de outrora o ensino de arte hoje é pensando e formulado tendo o aluno, a sociedade, o tempo atual como protagonista ao se pensar no que será levado para os locais formais e não formais da educação. Pillotto (2008) ao citar em seu texto sobre o ensino de arte aponta alguns teóricos, Efland, Barbosa e Jgodzinski, onde diz que tudo o que é realizado hoje na educação é contemporâneo, contudo conceitualmente assumimos ou não uma “postura contemporânea no ensino de arte” (p. 35).

A autora também trata que hoje não ocupamos, ou temos um espaço de quem ou aprende ou ensina; mas sim que estamos num movimento constante de aprendizagem, ou seja, ao mesmo tempo em que ensino: aprendo, e ao mesmo tempo em que aprendo: ensino.

Nesse jogo de aprendizagem, é fundamental que se oportunize aos alunos o estudo de imagens, obras e objetos das tradições populares, pois, caso contrário, estamos fadados a olhar num único sentido: o olhar ocidental, branco erudito e masculino. Também nesta perspectiva pós-moderna não há como priorizar apenas a forma de arte mais recente ou dita contemporânea. (PILLOTTO, 2008 p. 36)

O que a autora propõe é que não ignoremos o passado, mas sim o retornemos de forma crítica, dialógica com nosso tempo, que não o tenhamos de forma estática, mas que interagimos com ele dando-lhes novas leituras significados. Da mesma forma como não devemos apenas direcionar o ensino para uma arte tradicional, acadêmica como citada anteriormente.

Que o Ensino de Arte tem um potencial de formar cidadãos mais críticos, sensíveis e perceptivos à vida e ao mundo que o cerca já não é novidade, estando presente de todas as formas e possibilidades na vida do homem. É de suma importância que esta esteja presente e seja estimulada desde cedo na vida dos mesmos. Pillotto (2008, p. 48) também defende sobre o quão importante é a arte presente no desenvolvimento dos indivíduos, e que perceber o mundo é uma atitude estética já que “através e pela arte podemos apreender a ver todas as coisas de uma forma especial, superando os limites da não compreensão ainda que subjetiva de nós mesmos” (Idem, p.39). A autora argumenta ainda, que é preciso garantir uma educação estética e artística dentro das instituições se pretendemos por uma

educação para a cidadania por uma educação que “amplie as leituras de mundo” (p. 42). Uma educação que proporcione vivências onde os estudantes possam aprender, se manifestar, criticar, pensar, produzir acerca do mundo que os cerca.

2.1 UM POUCO DESTA HISTÓRIA

Pelos encontros que movem esta pesquisa, procuro traçar um breve histórico do ensino da arte no Brasil, a fim de entender melhor os processos de mudança que nos levaram ao ensino que temos hoje. O ensino de Artes se dá oficialmente no país em 1816 com a criação da academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro. O ensino seguia os modelos europeus, onde era considerado que a base para todas as artes era o desenho, assim esta era a disciplina obrigatória de todas as artes.

Ferraz e Fusari (1999, p. 29 e 30) argumentam que “nessa época a maior parte das academias de arte da Europa procurava atender a demanda de preparação e habilidade técnicas e gráficas, consideradas fundamentais na expansão Industrial. ” Conseqüentemente isso se deu também no Brasil, e por muito tempo perdurou um ensino que visasse formar para mão de obra de trabalho, isso se dá com mais clareza ao relembrar as pedagogias de ensino ao longo da história de ensino no país.

Na Pedagogia Tradicional o ensino da arte era voltado para o desenho, visando preparar mão de obra técnica para o trabalho. O estudante era preparado por meio da atividade que contemplavam cópias de desenhos geométricos, repetição de modelos vindo de outros países a fim de preparar para a vida profissional. Acreditava-se na transmissão do conhecimento e que o professor era detentor deste. Era um ensino voltado para o acúmulo de informação, típico de uma educação bancária como denominou Paulo Freire em Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa (2011).

Em 1930 surge no Brasil a Pedagogia Nova, e se dissemina nos anos de 1950 a 1960 nas escolas experimentais. O ensino era centrado nos alunos, onde a arte era utilizada no sentido de libertar o emocional, desenvolver a criatividade. Tem uma valorização da arte da criança em decorrência da aproximação de Pedagogia e Psicologia oriundos da filosofia de John Dewey, Hebert Read e Piaget.

O ensino tecnicista é marcado por uso de recursos tecnológicos, audiovisuais, livros didáticos. Dá-se num momento em que no Brasil surge os telejornais, telecursos e novelas. Segundo Silva “Essa pedagogia busca uma lógica Taylorista ou Fordista de eficiência, como bem representa o filme “Tempos Modernos”, sobre o aprender a fazer. ” (2017, p. 20). Centra-se num formalismo de conteúdos descontextualizado da realidade do aluno e do professor, e a polivalência foi o que mais marcou o ensino de arte nesse período de ensino tecnicista. Acerca dessas pedagogias de ensino Silva defende

Que esse grupo de pedagogias apresenta uma expressão no ensino de artes: no ensino tradicional de artes, a cópia, a reprodução; nos desdobramentos da escola nova, a livre expressão e o esvaziamento da ação pedagógica do professor; e na pedagogia tecnicista, a mecanização dos processos educativos, bem como a implementação da lógica fabril na educação. (2017, p. 20)

O ensino estava a serviço de formar, ou formatar sujeitos para determinadas funções, desconsiderava o meio em que vivia, seu perfil sua história, que era levado em conta somente para excluí-los, separá-los. Nos anos 80 e 90 acontece uma significativa produção de pesquisas e de propostas metodológicas em torno do ensino da arte. Grupos como Faeb (Federação de Arte-Educadores do Brasil), Anpap (Associação de Pesquisadores em Artes Plásticas) a Abem (Associação Brasileira de Educação Musical), Abrace (Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes Cênicas), fortaleceu para uma luta em prol do ensino de arte, da formação de professores.

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa sistematizada em 1983 e pesquisada nos anos posteriores propunha um ensino de ações interligadas, porém os componentes designados: fazer Arte, Leitura de Obra de Arte e Contextualização, segundo consta nos documentos do PCN- Arte (1998) foram trocadas por Produção, Apreciação e Reflexão. Ainda assim, acarretando em normas, em atividades estereotipadas fugindo da intenção original da proposta.

Nesse mesmo período (década de 90) há a consolidação de artes como disciplina obrigatória nas escolas e nas instituições de ensino superiores graças aos esforços dos arte-educadores.

O ensino de arte ainda sofre transmutações, como é de se esperar já que a sociedade também se transforma. Hoje se busca um ensino de artes que não siga

apenas conteúdos curriculares que evidenciem as artes europeias e o homem branco. É um ensino que está se encaminhando para que se abordem as diferentes raças, gêneros, religião, classe social, a falta de representatividade da mulher artista etc.

2.2 A QUE SE DEVE ESSA MUDANÇA NO ENSINO DA ARTE?

Se a arte muda, o ensino da arte também muda. Mas que arte é esta de que escrevo e que permeia esta pesquisa? Enquanto acadêmica de licenciatura de Artes Visuais, o que me compete então seria trazer a arte enquanto área de conhecimento, em específico o capital artístico cultural. Essa arte que ao englobar tudo o que é visual, ou que remete a imagens (e imagens não são apenas vistas/sentidas pelos olhos) abarca então por inúmeros territórios: a pintura, cinema, gravuras, desenho, dança, teatro, *performance*, *assemblage*, fotografia, entre tantas outras linguagens que passam por esse território artístico que nos envolve enquanto sujeitos de direito. De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), artigo 215: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”¹.

Esta arte que nos rodeia, que se faz presente, nos passa e transforma. Não mais uma arte que se encontra apenas em museus, galerias, restrita a um público fechado, mas sim remeto-me à uma arte que além destes espaços ganha as ruas, as nossas casas, escolas etc. Uma arte presente por toda a parte e que nos transforma, nos toca. E que se nos transforma é porque de certo modo nos educa. Educa o olhar, os sentidos, o pensamento a forma em que interagimos com o meio, com o mundo.

Tendo a arte esta potência, é de grande valia que esta esteja evidente em nossa vida, que vá ao encontro de nossa realidade, que possamos percebê-la e entendê-la, por isso a importância do ensino de arte, e que este ensino não seja uma coisa distante de quem a estuda. Um dos princípios do ensino é que este esteja estreitamente ligado com a vida do sujeito e o que o circunda. Nesse sentido,

¹<http://www.cultura.gov.br/documents/10907/963783/Constitui%C3%A7%C3%A3o+Federal+da+Cultura.pdf/9185e6c0-1cca-4ccd-a109-89f116ae2c9d>

percebo a importância de falarmos de uma cultura visual que amplia a relação com o objeto artístico para o objeto estético, e por isso está mais próximo de nós do que possamos imaginar. Vejamos assim, o que podemos tratar aqui, nesse território: o da cultura visual.

Estamos cercados por imagens. Imagens que entretêm, imagens que comunicam, imagens que influenciam, que assustam, ou nos deixam extasiados. Abrimos os olhos e lá está (ão): imagem (s). TV, *Outdoor*, revistas, livros, celulares, fotografias, filmes, *vídeo-games*. *Como lidamos com as imagens que nos rodeiam? Como a vemos? Interpretamos? Questionamos? Produzimos imagens?*

Hernández (2007, p.27) diz que a Cultura Visual tem o papel de observar a “relevância que as representações visuais e as práticas culturais têm dado ao ‘olhar’ em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo”. A cultura Visual se faz importante para o ensino de arte, pois trata da realidade que circunda o aluno, de experiências estéticas – já que as imagens movem a compressão da nossa realidade - que transpassam por esses sujeitos constantemente.

Ao trabalharmos com outras representações visuais abrimos espaço em nossas aulas para incluir a cultura dos sujeitos com os quais trabalhamos e para realizarmos uma reflexão sobre as condições históricas, sociais e políticas que criamos diversas identidades (BAPTISTA, 2018, p. 2).

O que teria o cinema com essa possibilidade da imagem? Ora, o cinema é a imagem em movimento. Nessa direção, trazer o cinema para a sala de aula, ou a Cultura Visual só tende a proporcionar um ensino mais potente, propiciando uma leitura de mundo mais crítica e atenta ao repertório imagético com os quais os alunos lidam diariamente e pelos quais são influenciados. Nessa mesma perspectiva Baptista diz

Quando abrimos espaço no ensino da arte para as “interpretações do mundo” de nossos alunos e alunas estamos incorporando suas subjetividades nos processos de produção de conhecimento. Ao relacionarmos subjetivamente com as representações visuais permitimos outra aproximação: as representações visuais do cotidiano. (2018, p. 03)

Não só observamos as imagens, podemos produzi-las. A representação do cotidiano por imagens se faz muito importante, porque é o que está presente na realidade desses alunos. Ao levar as imagens do cotidiano, incluindo as produzidas pelos próprios alunos, para a sala de aula, aqui em específico o ensino de arte,

estamos trazendo também a vida do aluno, seus interesses, tendo a chance assim de aproximar a arte e a vida, educando ou reeducando um olhar, ampliando as possibilidades de leitura para o mundo.

Mas porque a cultura visual é tão importante assim para o ensino das artes? Talvez sua importância se dá para a formação do sujeito, daquele que se permite mover seus pensamentos. Imagens podem ser mais complicadas do que parecem, interagir, ler, ou até mesmo não se deixar “enganar” por elas, são ações que dependem de alguns fatores. Os autores Illeris e Arvedsen (2016) escreveram o texto “Fenômenos e eventos visuais - reflexões sobre currículo e pedagogia visual” no qual discorrem acerca do que abrange a cultura da imagem. O trabalho gira em torno de apresentar as distinções das duas noções vigentes de cultura visual, sendo evento e fenômeno visual e como estes operam em nossa realidade. Onde ressaltam que

[...]fenômenos visuais abarcam tudo aquilo com que decidimos nos relacionar de forma consciente por meio da visão, como imagens, objetos, paisagens, espaços públicos privados etc. Embora alguns artefatos, sobretudo obras de arte, detenham uma posição privilegiado no que tange a atenção visual nas culturas ocidentais, esses são concebidos apenas como uma pequena parte dos fenômenos visuais relevantes para o currículo da pedagogia e cultura visual. – **Eventos visuais** referem-se a interações complexas que se estabelecem entre o observador e o observado. (ILLERIS, ARVEDSEN, 2016, p.25)

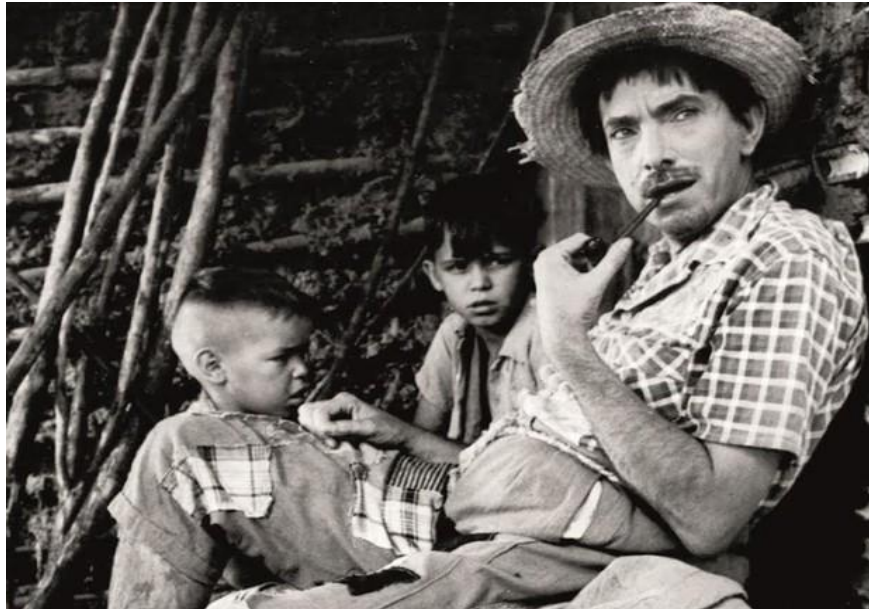
Os autores ainda ressaltam que “na pedagogia da cultura visual todas as narrativas visuais são consideradas relevantes” (ILLERIS, ARVEDSEN, 2016, p. 27). Não resta dúvidas então o quão importante a pedagogia da cultura visual se faz para o ensino das artes, já que ela vai tratar da imagem e toda a ação que sobre ela circunda.

Através da cultura visual é possível relacionar o uso das imagens, suas representações e a intervenção na realidade, a partir do diálogo pessoal e de cada um de nós para a construção de uma narrativa polifônica em que percebemos de que modo construímos nossa subjetividade em relação aos outros. (BAPTISTA, 2018, p. 8).

Quantos filmes você já assistiu? Qual sua visão sobre países orientais? Ou do sujeito do interior? O que você pensa sobre uma expedição no deserto? Ou mesmo nossa visão sobre a figura do bandido, do patrão ou da empregada? Como foram criadas essas visões sobre o mundo?

O longa Jeca Tatu narra à história de um caipira pobre e preguiçoso que mora com sua família num rancho, que acaba perdendo a propriedade vítima de uma série de armações do vilão Vaca-Brava.

Imagem 01 – Filme Jeca Tatu (Direção: Milton Amaral, 1959)



Fonte: <https://www.opovo.com.br/vidaearte/2017/09/mostra-exibe-seis-filmes-de-mazzaropi-no-cineteatro-sao-luiz.html>

Qual a imagem que nos vem à memória ao pensar no homem do interior, do famoso jeca? Pobre, analfabeto, preguiçoso, ignorante, pés descalços, calças remendadas, chapéu de palha e camisa xadrez? De onde surgiram tais características que constituem essa imagem? Provavelmente de um filme, podemos citar Jeca Tatu obra do final dos anos 50, que trata do homem do campo e a questão da reforma agrária, onde somos levados a cenas tocantes de felicidade e tristeza. Onde Mazaropi interpreta o célebre Jeca Tatu personagem criado por Monteiro Lobato, criando assim, algo que se tornou símbolo do homem brasileiro que vive no campo.

Quantas vezes paramos para refletir sobre isso, sobre a influência das imagens sobre nosso pensar sobre o mundo? O cinema nos marca com suas narrativas amorosas, ou mesmo as tragédias tipo o que vemos no filme *Lilya 4 ever* (Lukas Moodysson, 2002), que tanto podem nos alertar para a vida quanto o contrário. Nesse filme fico aqui imaginando as possibilidades de reflexão, como a visão social que ele provoca.

Filme sueco de 2002, *Lilya 4 ever*, conta a história da menina Lidya que vivia com a mãe num subúrbio da União Soviética. A mãe que ganhava a vida se prostituindo acaba abandonando a para ir morar com o novo namorado nos Estados Unidos. Morando sozinha num apartamento em condições precárias tendo a companhia do único amigo Volodya, uma criança maltratada pelos pais, para não passar fome e frio a personagem não vê alternativa a não ser se prostituir. Entre idas e vindas Lidya acaba conhecendo um namorado que faz promessas de uma vida melhor. A protagonista acaba indo para outros pais com a esperança de mudar seu futuro, porém é vendida por um cafetão onde se vê obrigada a se prostituir e sofrer abusos do mesmo.

Imagem 02 – filme *Lilya 4 ever* (Direção: Lukas Moodysson, 2002)



Fonte: <https://dicasdefilmespelascheila.blogspot.com/2014/10/filme-para-sempre-lilya-2002.html>

Ao nos depararmos com cenas de abandono de menor, de prostituição, pobreza, o que isso reverbera em nosso modo de ver o mundo, da cultura de determinado lugar, das relações humanas, do pensar acerca de problemas que muitas vezes não fazem parte de nossa realidade? O cinema é capaz de causar alteridade, e o que pode a alteridade? Que tamanha força emana de um sujeito que consegue se colocar no lugar do outro, de ver pelo olhar do outro, se mudar, construir-se sempre e sempre a partir desses deslocamentos de olhares?

2.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ARTE NA ESCOLA POLO UNESC

Um percurso que não tem um fim, que se estende por toda a docência. Esta é a formação de professor: a partir do momento que se inicia jamais estará terminada, considerando o seu tempo de atuação. Um dos deveres dessa profissão é ter a consciência que estudo e pesquisa estarão sempre presentes, e que quatro anos de uma graduação não são suficientes para formar um docente. É necessário ir além.

Tive meu primeiro contato com professor Tardif² quando este ministrou uma palestra no **II Pibid/Sul – Práticas de Iniciação à Docência na Região Sul: Enfoques, Avaliação e Perspectivas, II EnlicSul e Seminário Institucional Pibid/Unisinos** em dezembro de 2017, e seu discurso era voltado para a formações de professores. Digo que esse foi o momento em que, como estudante, percebi de fato que nunca pararia de estudar. Assim como todo bom profissional pensaria, na educação não se daria de outra forma, já que estamos sempre mudando, o tempo passa, tudo se transforma. Estudar é uma tarefa eterna.

O curso de artes visuais sempre frisou a importância da formação continuada, mas até conhecer o professor Tardif quando assisti à palestra, não conseguia entender a magnitude que isto envolvia. O seu discurso naquela tarde, ia desde o começo da formação até o investimento na carreira, ao qual ele se referia à especialização, mestrado, doutorado. O que mais me chamou atenção era o fato de ele dizer que temos uma educação teórica demais, e que a profissão se aprende a partir das experiências, essa experiência não pode deixar para ser vivenciada após a formação. É preciso que a tenhamos já nos primeiros anos de universidade, e não nos últimos semestres como acontecem com a maioria dos estágios obrigatórios, onde se iniciam esse contato com as instituições de ensino.

O mais bacana desta experiência toda, é que foi através do Pibid que tive meu primeiro contato com a escola nessa ideia de ser professora, um pouco antes dos estágios e foi graças a ele que pude ir ao evento que me proporcionou vivências que só acrescentaram na minha formação. O Programa de Iniciação Docência visa isso, fazer com que a formação acadêmica seja mais significativa.

² <http://www.unesc.net/portal/blog/ver/213/40511>

Nesse íterim outro programa que também esteve presente na minha formação desde as primeiras fases e acredito que ainda terá muita presença, é o Arte na Escola Polo UNESCO. Um projeto que tem convênio entre UNESCO e o Instituto Arte na Escola

O **Instituto Arte na Escola** é uma associação civil sem fins lucrativos que, desde 1989, qualifica, incentiva e reconhece o ensino da arte, por meio da formação continuada de professores da Educação Básica. Tem como premissa que a Arte, enquanto objeto do saber, desenvolve nos alunos habilidades perceptivas, capacidade reflexiva e incentiva a formação de uma consciência crítica, não se limitando a auto-expressão e à criatividade.(site do Instituto)³

Os primeiros contatos com o programa se deu por meio dos vídeos do Prêmio Arte na escola cidadã trazidos para os encontros das aulas na universidade. Neles encontrávamos projetos de artes de uma potência ímpar e encantadora das mais diversas regiões do Brasil. Todos ficavam estupefatos com os trabalhos desenvolvidos. Adiante quanto mais conhecíamos o programa, e o site, mais o visitávamos a nosso favor para fomentar nosso conhecimento ao longo do percurso de formação.

Na Universidade contamos com o Arte Na Escola Polo Unesc, que promove nas segundas e quintas-feiras acontecem encontros visando compartilhar e enriquecer experiências entre os professores da região. São professores de Artes que buscam qualificar o ensino nas escolas que atuam, e qualificar sua formação. São profissionais da área da educação. São diferenciados, pois buscam se atualizar, conhecer, experimentar e compartilhar através dessa rede que é o Instituto Arte na Escola. Como diria Tardif (2017), a formação continuada é um investimento profissional.

Porque trazer o professor que frequenta o Arte na Escola Polo Unesc para o cenário desta escrita? Além de sentir nesse projeto a importância da formação continuada, percebo ali um professor atuante que pode contribuir com questões que proponho. Com inquietações que procuro sistematizar e transformar em questões de pesquisa, como a que pontuo aqui a partir da relação cinema e ensino da arte. Nessa direção, segue o próximo capítulo.

³ <http://artenaescola.org.br/institucional>.

3 O CINEMA E SEU DIÁLOGO COM O ENSINO DA ARTE

Faço opção por uma escrita autobiográfica por aqui, no sentido de evidenciar um percurso que vou construindo a partir de experiências com o cinema e a compreensão que tenho sobre o ensino da arte. Nesse sentido, ao ver esta pesquisa ganhar corpo e me perceber nos caminhos que ela conduz volto-me as minhas lembranças: o primeiro dia na Universidade, na aula de Metodologia Científica e da Pesquisa onde exclamei um impropério quando a professora cita o filme *O Grande Hotel Budapeste* (2014) do diretor Wes Anderson. Neste dia, fiz todos os colegas rirem com tamanho entusiasmo. Eu tinha assistido ao filme recentemente, e ainda estava contagiada pela obra. O longa-metragem narra a história de um escritor que em 1968 visitou o Grande Hotel Budapeste e numa conversa com o com seu proprietário, Sr. Moustafa fica sabendo como este veio a se tornar o proprietário do hotel, na década de 30, após uma série de aventuras com Monsieur Gustave H. o *conciêrge* do hotel, quando ainda era o garoto de recados e carregador de bagagens no hotel.

Imagem 03 – *quote* do filme *O grande Hotel Budapeste* (Direção: Wes Anderson, 2014)



Fonte: <https://m.facebook.com/OficialCinematologia/posts/132012341480049>

Ao final da aula a professora tece mais comentários acerca do filme, sobre o enquadramento, as cores. E eu? Escutava tudo muito encantada. Toda vez que alguém falava de cinema, meu corpo ficava alerta. Sentia-me muito contente em estar em um ambiente onde discursos sobre filmes eram corriqueiros.

O ápice dessa felicidade era atingido quando os professores traziam algum recorte de filmes, ou quando nos era recomendado assistir um longa para discussão ou escrita de trabalhos. Posso listar algumas dessas experiências ainda muito vivas, quando na disciplina de filosofia devíamos assistir *Melancholia* (2011) de Lars Von Trier e estabelecer relação com o existencialismo de Sartre; em Estética destacar o belo e o sublime de Kant na película *Mulholland drive* (2002) de David Lynch; em Apreciação estética assistirmos em sala *O Fabuloso destino de Amélie Poulain* (2002) de Jean-Pierre Jeunet e escrever a partir da experiência.

Num ambiente de acadêmicos de artes visuais, a vivência de assistir um filme e discorrer sobre este é uma das experiências mais intensas que uma apaixonada por cinema pode ter. No decorrer dos semestres, ao vivenciar algumas experiências em sala de aula, relacionadas ao cinema, meus questionamentos de como seria possível trabalhar a sétima arte no ensino de arte iam sendo saciadas, mas não por completo para que acabasse por sossegar minhas inquietações.

No primeiro semestre de 2018, cursando a 7ª fase do curso, tinha dois desafios: o estágio III e o PPA (projeto de pesquisa em arte). Entre idas a vindas o projeto de estágio que norteia a atuação, foi construído para trabalhar com a linguagem do cinema com uma turma de Ensino Médio. No PPA tinha como tema a linguagem cinematográfica. Narro estes fatos a fim de introduzir como iniciei esta pesquisa: com fogos nos olhos. Meu argumento e problema de pesquisa eram voltados a falar de como o cinema era usado como um instrumento de trabalho, um apoio a disciplina nas escolas e não estudado como uma linguagem de cinema! O cinema por ele mesmo, entende? Ora, admitimos que em suma o cinema é usado a serviço de, contudo eu mesma não sentia futuro para a pesquisa, na verdade não conseguia visualizá-la. E se assim mesmo fosse, se já estava afirmando que o cinema era assim apresentado nas escolas qual era então meu papel com essa pesquisa? Li textos sobre cinema e educação e cinema e ensino da arte, e logo após refletir acerca do que foi lido e debatido com professora e colegas, percebi que talvez essa não fosse a direção certa a seguir. Já com o estágio fui muito agraciada,

a experiência que tive ao levar o cinema para a sala de aula, para o ensino de arte foi muito importante e significativa, mas mesmo assim ainda não foi suficiente para me aquietar, acredito até que conclui o estágio com mais questionamentos. O que não é de todo o mal, já que tinha pela frente uma pesquisa.

O cinema se faz uma linguagem potente para o ensino da arte por tantas razões e motivos, que minha proposta anterior não dava conta de responder minhas indagações e minha experiência com a atuação de ensino evidenciou ainda mais estas indagações. Ao falar de cinema e o ensino de artes visuais Alice Fátima Martins afirma:

Tendo, em vista que, efetivamente, a linguagem cinematográfica constitui umas das formas de expressão mais relevantes na formação das visões de mundo da contemporaneidade, desde a imagem analógica à digital, da óptica a numérica, como elemento estruturante dos imaginários sociais, no âmbito dos estudos voltados para o ensino das Artes Visuais e da Cultura Visual, as narrativas cinematográficas não podem ser relegada a segundo plano. Mas é preciso avançar além da concepção recorrente sobre seus possíveis usos instrumentais, na direção de se enfrentar questões conceituais estéticas, formais e técnicas relativas ao uni (multi) verso das imagens em movimento. (MARTINS, 2007. p. 122)

Martins se fez uma autora na qual seus textos muito me ajudam a refletir e a construir este trabalho, esse recorte que trago vai ao encontro aos dois momentos desta pesquisa, o inicial, no qual, percebo e defendo que o cinema é muito importante para apenas fazer presença a serviço de, e neste segundo que mantenho um olhar mais consciente acerca de conhecer as possibilidades do diálogo entre cinema e o ensino de arte. Mediante a tais esclarecimentos, inicio a jornada de desbravar sobre o território da Linguagem do Cinema.

3.1 O QUE É CINEMA?

O cinema se instaura como linguagem com os Irmãos Lumière, mas definir o precursor e data exata de nascimento ainda é motivo de divergências entre alguns estudiosos já que os Lumière se apropriaram do que já se tinha: a projeção de imagens, o que já vinha sendo trabalhada por Thomas Edson. Contudo é a partir do momento que as imagens em movimento projetadas trazem uma narrativa que surge o cinema como linguagem e foi com os Luimière que assim se deu.

“O cineasta George Méliès foi o primeiro a perceber que os filmes tinham o poder de capturar sonhos.” Esta fala é proferida numa cena do filme *Invenção de Hugo Cabret* (2012) do diretor *Martin Scorsese*. Uma belíssima e tocante homenagem tanto ao cinema quanto ao seu precursor Méliès, cuja sua história com o cinema é parte da trama. *Bernardet* (2006) também recorre a figura do Méliès ao remontar a primeira exibição de cinema no ano de 1895 num café de Paris, onde

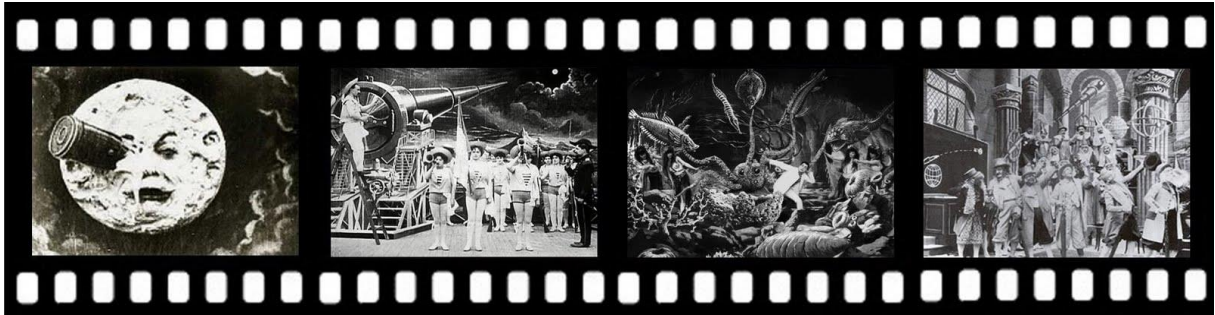
Um homem de teatro que trabalhava com mágicas, Georges Méliès, foi falar com Lumière, um dos inventores do cinema; queria adquirir um aparelho e Lumière o desencorajou, disse-lhe que o “cinematographo” não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para produzir o movimento e só poderia servir para pesquisas. (BERNADET, 2006 p.11)

Naquele dia, da primeira mostra de cinema, o público viu vários filmes curtos de cenas cotidianas, um em especial, como narra o autor, aflorou emoções nas pessoas que assistiam: a de um trem chegando à estação. Assustaram-se, pois tal imagem imprimia o trem tal como era mesmo em preto e branco, era esta a sensação, mesmo sabendo que não era um trem real, surge então a ilusão. (BERNADET, 2006).

Era como num sonho, o que vemos ou fazemos nele não é real, mas isso só sabemos depois de despertarmos. Esta impressão de realidade, que é a ilusão de verdade, foi o sucesso do cinema como afirma Bernardet. (2006). Ao assistirmos a um filme, por mais fantasioso que este seja, os minutos que se passam a história nos fazem acreditar e viver aquilo como verdade. E Georges Méliès, segundo Bernardet (2006, p 13) foi “quem primeiro percebeu que o fantástico no cinema podia ser tão real como a realidade”.

Viagem à Lua filme de 1902, produzido e dirigido por Georges Méliès foi o primeiro filme de ficção científica criado. Tendo 14 minutos de duração o curta-metragem narra a história de cinco astronautas que viajam para lua numa capsula lançada por um canhão. Na lua, enfrentaram no novo território os selenitas (nativos do lugar) que os capturaram, mas após muita luta os astronautas os derrotam e fogem para terra na mesma capsula que aterrissa no mar. Méliès se inspirou nos livros *Da Terra à Lua* de Julio Verne e *Os homens na Lua* de H.G Wells, e apresenta uma obra cheia de efeitos especiais, considerada um de seus trabalhos mais importantes, ele nos presenteava com o fantástico!

Imagem 04 – cena do filme Viagem à Lua (Direção: Georges Méliès, 1902)



Fonte : <https://skuecine.wordpress.com/2012/03/14/georges-melies-em-viagem-a-lua/>

Mas o que é o cinema? Pergunta que intitula o livro de Jean-Claude Bernardet (2006), obra que permeou minhas leituras para esta pesquisa - e no final do livro o autor responde que não sabemos, assim como ele também não, responder a esta pergunta. Então assim como neste livro, meu intuito não é responder, mas sim percorrer sobre a linguagem do Cinema a fim de desbravar seus territórios.

Para desbravá-lo enumerei algumas questões, como por exemplo, como acontece o cinema? Quando e onde acontece? O que o cinema produz? O que compõe o cinema? A partir das aulas da disciplina da Linguagem do Cinema e Educação tomei conhecimento que o cinema, os filmes não se iniciam quando a imagem aparece na tela. *O cinema é fazer ou projetar imagens?* Pergunta esta anotada em meu caderno, em uma das aulas ministradas pelo professor da disciplina, onde ele discorre em que momento o cinema se inicia, e o que seria ele. Foi nessas discussões em aula que tomei nota que a projeção é parte do cinema, assim como a captura de imagens e sons, do roteiro que antecede os dois (captura e projeção) dos enquadramentos, ângulos e planos, dos cenários figurinos, luz, espectador, montagem e corte. E o que mais me marcou: que cinema é escolha, sendo escolha é um ato político. Ao decidir o que será parte do filme, há uma exclusão de todo o resto. (BERGALA, 2018)

Aprendi que no cinema a imagem não é gratuita, nada é colado por colocar. São cenas que se montam formando uma narrativa que nos envolve. Ao falar da teoria de montagem Bernardet comenta que

Quem desenvolverá esta teoria da montagem é Eisenstein, para quem de duas imagens sempre nasce uma terceira significação. Ele vê aí a estrutura do pensamento dialético em três fases: a tese, a antítese e a síntese. Essa montagem não reproduz o real, não o macaqueia, ela é criadora. Não reproduz, produz. Já que a estrutura da montagem é a estrutura do pensamento, o cinema não terá por se limitar a contar histórias, ele poderá reproduzir ideias. (2006 p. 49.)

Bernardet afirma que o cinema não é inocente, não é só entretenimento. Ele visa algo, na verdade quem o realiza visa algo. Não se tem mais a ideia de outrora, do século passado de que o cinema era um registro mecânico da realidade, ou uma diversão de feira como disse Araújo⁴ (2009, p. 09), cujo dizer ainda que por mais que a visão de cinema como produto tenha voltado, a arte persiste, pois o cinema coloca a própria arte em crise.

Não há como falar de cinema sem falar de seu público, seu espectador. Todo filme produzido pretende atingir um alvo, e esse alvo, o espectador, reage ao que lhe é projetado.

(...) é preciso não esquecer que um espectador cinematográfico nunca é exclusivamente um espectador cinematográfico. O cinema entra na sua vida como um dos elementos que compõem sua relação com o mundo, o cinema não determina completamente essa relação. Além disso, contrariamente a muitas teses, diante do cinema, o espectador não é necessariamente passivo. Há formas de relação que não usam necessariamente a linguagem racional e crítica dos cientistas. No ato de ver e assimilar um filme, o público o transforma e interpreta, em função de suas vivências, inquietações, aspirações etc. Quem costuma discutir filmes em cineclubes já terá percebido até que ponto um filme pode transformar-se no ato de recepção pelos espectadores. (BERNARDET, 2006 p. 80)

Ao assistir a um filme não somos uma folha em branco, nós conversamos com aquilo que vemos, antes mesmo de ser um espectador existe um sujeito, um sujeito de memória e cultura e isso afetará a forma como recebo e faço a leitura dos audiovisuais, da mesma forma que o cinema poderá afetar esse sujeito ao trazer outras “realidades”. Duarte (2009 p. 18) defende que “O homem do século XX jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento, independentemente da avaliação estética, política ou ideológica que se faça do que isso significa.” Tendo então esta noção de que o cinema reverberou e reverbera na sociedade por que não o levar para o âmbito da educação básica? Se ele se faz tão importante para a arte porque não o ter no ensino de arte?

⁴ No livro Caderno de Cinema do Professor Três, Governo de São Paulo .

3.2 O CINEMA NA ESCOLA

As aventuras de (Sherlock Holmes) Paloma Neves

Lembro-me muito bem daquela aula, estava ansiosa. Em minha carteira estavam as cópias que eu tirara do livro, escritas minhas acerca do personagem e sua vida. Holmes não era ficção, não era personagem, ele era real, ele existia. Quando o filme termina a professora desliga o aparelho de DVD, a TV, coloca o cd na capinha e inicia alguma fala que não lembro, os anos a silenciaram. Quando ela termina, ergo meu dedo pedindo a fala, sob a mesma carteira que coloquei meus registros minha perna não para de balançar de nervoso.

Quando tenho o direito de falar teço um discurso sobre o herói da trama que acabamos de assistir. Falo dos livros no qual o filme se baseia, do autor, do impar detetive (personagem principal) e do seu caro Amigo Watson. Discorro sobre tudo o que sabia dos filmes, e dos contos que permeiam acerca das fantasias de Sherlock Holmes. A sala toda escutava, a professora me escutava! Eu tinha voz. Nunca me senti tão acolhida na escola, ao compartilhar sobre o que aprendi eu ensinava. Narrar acerca de como conheci o detetive mais famoso e ilustre da literatura, de como me sentia contagiada a buscar mais conhecimento, a ser mais atenta como o personagem era. Eu, uma aluna transmitia aos colegas, talvez, essa vontade também. Nunca sai da escola tão feliz. As duas aulas assistindo ao filme foram o estopim para dar início a uma cativante jornada do Ensino Médio permeada por livros e filmes.

Aprendi a aprender com filmes, a usufruir mais intensamente da emoção que provocam, a interpretar as imagens, a refletir a partir delas, a reconhecer valores diferentes e a questionar os meus próprios. E o fato de essa experiência ter sido tão fundamental na minha formação (muito do que conheço do mundo, das culturas e das artes aprendi vendo filmes) é uma das razões pelas quais decidi estudar, academicamente, as relações das pessoas com o cinema. (DUARTE, 2002, p. 11)

Faço das palavras de Rosália Duarte as minhas. Quando penso na minha pessoa enquanto sujeito que vive e aprende, se transforma, ensina, e que busca

constantemente conhecimento, sou levada de imediato às experiências que tive com os filmes que assisti, e que como por meio deles meus saberes foram se construindo.

Defendo que trabalhar com o cinema seja muito importante e que esse desempenhe hoje um papel fundamental na educação já que nos encontramos num tempo onde as imagens ganham um espaço maior nas comunicações, interações etc. O cinema está presente na democracia porque é político ideológico, e sendo uma linguagem muito importante para ser estudado, cinema é imagem - imagem em movimento - e imagens carregam status de verdade, num cenário atual onde somos bombardeados por tantas imagens é de extrema relevância que passamos a reconhecê-las e entendê-las. Vejo o cinema como um caminho para tal. Por isso a relevância das instituições estarem a desenvolver a linguagem em seu âmbito como anunciou Bessy (1965) “o tempo da imagem chegou!”.

Quais as possíveis relações entre o ensino de arte e o cinema? Imagino que é tão ímpar a potência desta linguagem para esta disciplina, já que é uma linguagem que aborda em si tantas outras linguagens artísticas. Como no filme *Begin Again* de 2014 dirigido por John Carney onde somos levados por uma narrativa sensível que traz a música como parte central da trama.

Dan (Mark Ruffalo) é um produtor musical que e sua carreira decair e acaba perdendo o emprego. Ele procura artistas originais, mas está fadado a não encontrar. Frequentando um bar Nova Yorquino se vê diante de Gretta (Keira knightley) que é convidada a cantar pelo dono do bar, relutante esta se apresenta com uma composição de sua autoria. E numa cena belíssima vemos Dan se contagiar pela canção, e num momento transcendente imagina os outros instrumentos musicais completando a canção. Logo procura a garota que de inicio fica relutante, pois não reconhecia o seu tamanho talento , e sem perspectiva pensa em voltar para o seus pais natal Inglaterra . Mas o produtor se mostra persistente e a convenci em produzir suas musicas, e ali se inicia uma parceria entre ambos. Somos agraciados com cenas da Cidade de Nova York ao som de musicas sensível e tocante, com um enredo bem amarrado.

Imagem 05 – Filme *Begin Again* (Direção: John Carney, 2014)



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/357684395384997054/?lp=true>

O filme é um exemplo de como cinema pode abordar tão demasiados assuntos além, muitas vezes, dele próprio, propiciando assim fomento do saber e do sentir para a construção de um sujeito crítico, político, sensível e mais humano. Cinema Paradiso de 1988 do diretor Giuseppe Tornatore é uma obra que arrisco dizer que é completa, pois trata o cinema por ele mesmo além de questões de infância, guerra, memória, afetos. Uma linda homenagem ao cinema, que nos compartilha a paixão que cresce junto do menino Toto, protagonista da narrativa, que se vê fascinado pelo cinema.

O enredo segue permeado então pelas memórias revividas de Totó já adulto que agora cineasta retorna a cidade em que cresceu. Onde o cinema era projetado na igreja sobe “os cuidados” do padre todas as cenas de beijo das películas eram retiradas por Alfredo, o projecionista. Este que após muita insistência do menino Totó, ensina a ele algumas coisas sobre projeção de filme, que por um acidente acaba ficando cego que o impossibilita de ficar no emprego. Totó sendo o único a saber manusear os materiais e maquinários assume o posto, e leva a profissão até a juventude onde sob os conselhos de Alfredo, que se tornou sua figura paterna, deixa a cidade em busca de viver a vida.

Imagem 06 – Filme Cinema Paradiso (Direção: Giuseppe Tornatore, 1988)



Fonte: <http://www.aescotilha.com.br/cinema-tv/central-de-cinema/cinema-paradiso-giuseppe-tornatore-30-anos-critica/>

A imagem em movimento é tão poderosa, pois ao mesmo tempo em que imprime a realidade cria fantasias, ela educa. O cinema é um grande provedor de imaginário, de memórias, de pensamento, pode-se constatar então a importância que essa linguagem, a sétima arte como o cinema é considerado, esteja presente nas instituições de ensino, já que a mesma está estritamente ligada à vida, ao cotidiano, às manifestações dos sujeitos.

De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1979), a experiência das pessoas com o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de “competência para ver”, isto é, uma certa disposição, valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica. Entretanto, o autor assinala que essa “competência” não é adquirida apenas vendo filmes; a atmosfera cultural em que as pessoas estão imersas- que inclui, além da experiência escolar, o grau de afinidade que elas mantêm com a artes e a mídia - é o que lhes permite desenvolver determinadas maneiras de lidar com os produtos culturais, incluindo o cinema. (DUARTE, 2002 p. 13)

O lugar e o tempo em que nos encontramos afetam diretamente com aquilo que nos é apresentado, ou que encontramos de novidade. E como lidamos com o novo, com o que nos é estranho? Tentamos compreender e logo fazer dele parte de nós, ou então rejeitá-lo, mas como isso se dá? Como conhecer algo? A afinidade como a autora coloca acima é um caminho para isso.

Nas sociedades mais ricas e desenvolvidas do mundo contemporâneo, bens culturais audiovisuais, incluindo os cinematográficos, são considerados recursos estratégicos para a construção e a preservação de identidades nacionais e culturais. Tanto é que esse tema ocupa lugar privilegiado na agenda de negociações e acordos internacionais da Organização Mundial de Comércio, que envolve as maiores nações do mundo. Esse fato deveria ser suficiente para que os educadores encarássemos a questão com a seriedade que ela merece. (DUARTE, 2002 p. 20,21).

Não há porque não tratarmos de cinema no ambiente escolar quando tudo aponta para uma qualidade de ensino satisfatória e potente. O cinema já faz presente na escola, pois como comentei anteriormente o meu período escolar foi marcado por ele, mas quero direcionar esta pesquisa no sentido de saber de que forma o cinema se faz presente e como ele reverbera, em específico no ensino de arte.

O cinema já faz parte, há bastante tempo, das aulas de História e Geografia. Parecem ser os professores dessas disciplinas os que mais exibem filmes nas aulas e os que mais participam de projetos institucionais que articulam cinema escola. Assisti a um debate, promovido por um projeto deste tipo, em que um professor de Geografia apresentava sugestões muito interessantes para os trabalhos a serem desenvolvidos a partir do documentário Promessas (Carlos Bolado, B, Z. Goldberg, 2001) . O filme é o resultado de dois anos de entrevistas realizadas com crianças judias e palestinas que vivem na região de conflito entre os dois povos. A pluralidade e a riqueza das atividades propostas pelo professor deixavam entrever uma larga experiência em articular conteúdos de filmes e ensino de Geografia. Não me pareceu ser uma exceção, já que havia dezenas de outros professores dessa disciplina na plateia. (BERNARDERT, 2002 p. 93)

Lembro muito bem que era corriqueiro assistirmos filmes que iam ao encontro do conteúdo a ser estudado. Ao ler autores que tratam do cinema e educação como Duarte, por exemplo, percebo que em sua maioria o cinema na escola é tomado como apoio, um reforço do que é ensinado. De forma alguma vejo problema nisso, sabemos que cinema informa, narra... O mal reside, entretanto, quando o cinema é usado apenas para tal fim: a serviço de...

De que forma então o cinema poderia ser estudado e trabalhado no ensino de arte? Indagação que me acompanha na graduação. Procurei entender então como seria possível estar trabalhando a linguagem cinematográfica por ela mesma.

3.3 A LEI Nº 13.006, DE JUNHO DE 2014 – O CINEMA BRASILEIRO NAS ESCOLAS.

“ Art. 26.

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais." (NR)
 Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.” ⁵

A primeira vez que ouvi falar desta lei foi em uma aula de metodologia, a professora foi quem nos compartilhou sobre. Ela era a única da sala que sabia de sua existência. Confesso que não busquei saber mais até iniciar esta pesquisa, contudo agora não consigo visualizar uma pesquisa de cinema voltada para educação e ensino de arte sem estar falando desta lei.

(...) o Senador Cristovam Buarque propôs, em 2008, o PL 185, que, posteriormente, passou a ser conhecido como PL 7.507/2010. A Lei 13.006, sancionada em 26 de junho de 2014, pela presidente Dilma Rousseff, possui o propósito de tornar obrigatória a exibição de filmes nacionais como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica das escolas de educação básica por, no mínimo 2 (duas) horas mensais. A Lei 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, passa a vigorar com o acréscimo do § 8º ao art. 26, incorporando a prescrição da Lei 13.006/2014. (BARRA, 2016).

Mas porque ter uma lei que passe a tornar obrigatória a exibição de filmes nacionais na escola? Se tentasse antes encontrar uma resposta para esta pergunta provavelmente chegaria a uma conclusão equivocada, mas após conhecer mais da linguagem do cinema, - não só ter uma paixão - depois de ler mais sobre o assunto, de passar a reconhecer, inclusive, que cinema também é uma mercadoria; agora chego a seguinte conclusão: a lei partiu de uma necessidade. Um país onde o cinema tem história, onde o cinema está contracenando com os melhores do mundo,

⁵<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13006-26-junho-2014-778954-publicacaooriginal-144445-pl.html>

mas que apenas uma pequena parte, uma seleta parte assiste e experiencia e era necessário que algo mudasse, acontecesse.

(...) somos levados a admitir que o gosto pelo cinema, enquanto sistema de preferências está muito ligado a origem social e familiar das pessoas. Não é por acaso que as pesquisas de mercado indicam que 79% do público de cinema no Brasil é constituído por estudantes universitários: oriundos, em sua maioria, de camadas médias e altas da sociedade, esses estudantes têm maiores oportunidades de ver filmes, desde muito pequenos, e de ter essa prática valorizada no ambiente familiar e nos demais grupos do quais participam. (DUARTE, 2002 p. 14)

Em um país, onde a educação tem sérios problemas, onde a cultura fica em último lugar em investimentos ou até mesmo esquecida, onde pobre não tem vez, como propiciar que o cinema seja um direito de todos? Sendo que bilheteria de cinema do país é uma das mais caras do mundo, que o preço de um aparelho de DVd, computador, o próprio DVd não está ao alcance de todos?

O cinema é caro desde sua produção. Por isso e por tantas outras coisas é um sistema abrangente em muitos aspectos aos quais não domino argumentar, mas evidencio isto para poder estar dando direção para possíveis possibilidades da implementação da lei.

A justificativa para o PL 7.507/2010 apresentada pelo senador, na época de sua proposta, confere um lugar especial à indústria cinematográfica nacional. Ele afirma *que a única forma de dar liberdade à indústria cinematográfica é criar uma massa de cinéfilos que invadam nossos cinemas, dando uma economia de escala à manutenção da indústria cinematográfica.*ⁱⁱⁱ A aprovação da Lei 13.006/2014 possibilitou maior visibilidade e incentivo à produção cinematográfica nacional, com a ampliação do número de espectadores em todo o território nacional e fundamentalmente que sejam pensados e efetivados modos de acesso a esse cinema produzido na maior parte das vezes com recursos da União. (BARRA, 2016. p. 7782).

Comparando com produções estrangeiras o cinema nacional é pouco consumido no Brasil, e no passado outras estratégias semelhantes à lei foram exercitadas desde 1920 onde políticos, professores e artistas se preocupavam com o cinema nacional. O mais conhecido talvez seja o Decreto Nº 21.240 – de 4 de abril de 1932⁶ veiculado no governo de Getúlio Vargas, que visava uma educação

⁶ <https://www.ancine.gov.br/pt-br/legislacao/decretos/decreto-n-21240-de-4-de-abril-de-19320>

para o cinema brasileiro, visando ajudar as empresas nacionais produtoras de filmes.

É válido destacar sempre os dois lados (ou mais lados) da moeda, sem dúvida a lei de obrigatoriedade da exibição de cinema nas escolas é importante, mas devemos estar atentos.

(...) é aconselhável não ceder a um discurso que tem a justificativa da necessidade de formação de consumidores para o cinema brasileiro. A proposição do trabalho com o cinema e a educação na escola, hoje, não pode servir como argumento para a garantia de espectadores nas salas de cinema, amanhã. O espaço da escola, em relação ao cinema, precisa ser concebido como o lugar onde crianças e adolescentes se encontrem com as primeiras experiências do cinema, com a intensidade do assistir e do fazer, com uma possível construção de pontos de vista e de sensibilização para tudo o que está dado a ver e a ouvir. (BARRA, 2016. 7782).

Apresentada a lei então, e depois de compreendê-la um pouco melhor outras dúvidas surgiram: que filmes levar a escola? Como trabalhar com eles? Em que disciplinas? Como tornar significativa essa ação e não apenas um cumprimento de um regime? E de fato a lei é de conhecimento dos professores e escolas? Ela é exercida? O que isso pode acarretar no ensino da arte, já que cinema é uma linguagem artística? O que dizem os professores de arte do Polo Unesc sobre estas questões? Com essas perguntas junto minhas outras inquietações, fui movida para pesquisa de campo a qual apresento no próximo capítulo.

4 O QUE DIZEM OS PROFESSORES?

Não podemos prever nossos encontros, eles acontecem e ao acontecer nos levam. A pesquisa de campo se inicia quando começo acompanhar algumas ações desenvolvidas pelo Arte na Escola Polo Unesc. Corriqueiramente ouvia falar de alguns projetos dos professores, onde já conhecia alguns pelos encontros do Pibid onde éramos bolsistas e por coincidência ou não, tínhamos professores supervisores que participavam do Polo. Tive a oportunidade de participar de um encontro do AE e poder entender mais de perto como o projeto acontecia.

Aqui apresento os cinco professores que encontrei nesse caminho: Juliana formada em Artes Visuais- Licenciatura, trabalhando há seis anos na educação. E atualmente lecionando para turmas da educação infantil e do fundamental. Martoso com quase 19 anos de trabalho da educação, formação em Arte Educação: Artes Visuais, atua em educação infantil e médio assim como professora Mariana há 5 anos atuando e sendo pós graduada em Arte e Educação. Professora Flávia formada em Artes Visuais Licenciatura, tendo pós em Educação e Estética: Artes e as perspectiva contemporâneas, há 7 anos lecionando, trabalhando com turmas da educação infantil ao nono ano. Professora Ju também formada em Artes visuais Licenciatura, trabalha há 12 anos, lecionando com turma de 1º a 5º ano do fundamental I e de 6º a 9º ano do fundamental II.

Junto da coordenadora do Polo da Unesc, professora Silemar, também a orientadora desta pesquisa, conversamos e refletimos sobre de que forma a pesquisa poderia ser realizada. E por ser mais viável para ambas as partes, a pesquisadora e os professores pesquisados, foi decidido que seria elaborado um questionário (apêndice A) e enviado por e-mail para os professores que participavam dos encontros do Arte na Escola polo Unesc, conforme conto na metodologia.

As perguntas tinham intuito de conhecer a relação dos professores com o cinema e como isso reverberava em suas aulas de artes. Segue as falas os professores sobre a sua relação com o cinema. A professora JU (como assim sugeriu ser identificada) diz *“Tenho pouca relação, não tenho tempo para assistir filmes. Acredito na importância de se alimentar com esta linguagem, mas*

infelizmente, trabalhando 40 horas, com 17 turmas, só assisto àquilo que tenha relação com minhas aulas.”

Percebe-se que a professora reconhece a importância da linguagem, e ainda defende que para ser trabalhada é necessário conhecê-la. Entretanto aponta uma realidade que não nos é desconhecida sabemos das mazelas do ser professor, muitas horas de trabalhos, quando não ainda levados para a casa, salário limitado... Tudo isso acarreta, por muitas vezes, de inibir o professor de ter mais tempo e condição de apreciar, estudar outras possibilidades.

Já a professora Flávia relata que *“Cinema é algo encantador, fui bolsista do Arte na Escola, trabalhando com os DVDs da DVDTECA. Meu TCC foi uma pesquisa sobre a Relação dos Professores de Arte e os filmes. Minha Monografia foi sobre o filme: A imaginação revelada no filme “A vida é Bela””*.

Professora Mariana *“Gosto de cinema, filmes e procuro levar esta linguagem para a sala de aula”*. Com a fala destas professoras vemos uma relação mais estreita com o cinema. Flávia que desde a graduação o cinema se faz presente como pesquisa, e Mariana que ao apreciar acaba por levar para a sala de aula.

Professora Juliana *“Meu pai gostava muito de assistir filmes, era uma rotina estar semanalmente em locadoras, lembro que não entendia nada e passei a infância sentada no sofá assistindo. Quando adulta acho que de tanto assistir não segui com tanto interesse, mas sempre que posso costumo assistir.”*

Enquanto o professor Martoso aponta *“Entendo o cinema como uma linguagem artística, há mais potência quando abordado desta forma do que mero recurso em sala de aula.”* Nesta mesma linha de pensamento do professor Martoso, Gofredo Bonadies professor da rede pública estadual de São Paulo em uma entrevista para o livro *Caderno de Cinema do Professor (2009)* afirma

Como linguagem, o cinema é primeiramente um produto da realidade (imagem e som); em um segundo momento, é uma linguagem artística - representação da realidade e das vivências. O mundo é absorvido e reapresentado, desconstruído. Através de uma forma *sui generis* poderemos transformar o mundo a partir dele mesmo. (p. 58)

Ao serem questionados sobre a **frequência que assistem a filmes** JU relata *“Não, não tenho tempo. Só assisto quando preciso para as aulas.”* Juliana diz *“Confesso que não assisto tanto quanto eu gostaria, a ampliação de repertório do professor é um combustível que alimenta as discussões sobre o tema, o trabalho*

provoca a necessidade em assistir para estar junto com os alunos no processo. Com certeza preciso dedicar mais tempo para a apreciação de filmes.”

Martoso “Sim. Sempre que possível: gosto de algumas produções do cinema nacional. A mais recente foi “Amores de chumbo”, filme no qual os efeitos da ditadura militar e o golpe de 64 estilham a vida de dois jovens apaixonados. Um intervalo de 40 anos e uma série de acontecimentos nas vidas dos protagonistas são confrontados quando estes se reaproximam, propiciando uma reflexão acerca do tempo e como a vida é feita de muitos ‘e se... ’ (espaços do possível e não algo fechado, como acredito que deva ser a aula de Artes enquanto propositora). Destacaria duas cenas/sequências neste filme e que trabalharia em aulas de Artes no Ensino Médio, por exemplo: quando uma das protagonistas busca um pacote de cartas dos anos 70/80 no fundo de um antigo armário; a leitura é feita por entre as grades de uma garagem buscando a iluminação sobre os escritos que parecem ganhar corporeidade neste “diálogo” com a atriz/personagem. ”

Imagem 07- Cena do filme Amores de Chumbo (em busca da carta)



Fonte: print screen tirado do trailer do filme. Acervo da pesquisadora.

O professor faz o recorte para algumas reflexões com seus alunos, aponta essa ação como sugestão para debate em sala de aula. Mas seria realmente necessário o recorte do professor? Quais seriam as impressões dos alunos ao assistirem esse filme? Quais os recortes que eles fariam? Interessante a fala do professor, vai revelando uma intimidade com a linguagem do cinema, revela um repertório significativo. Aponta uma preocupação com a faixa etária, com os interesses da atualidade e busca refletir não só sobre arte, mas sobre a vida.

Imagem 08 - Cena do filme Amores de Chumbo (lendo a carta)



Fonte: print screen tirado do trailer do filme pela acadêmica.

Esta é cena que o professor comenta do filme, onde a personagem busca a luz em meio as grades, uma imagem que pode ter tanta leituras e significados.

“(...) E a segunda sequência é uma performance com artistas/performers todos vestidos de preto, com pás nas mãos. Interagem com as ferramentas que parecem ganhar vida; elas transformam-se em máscaras, suportes para danças individuais. Até que fotos são inseridas na performance e terra é derramada sobre as mesmas, seguidas por grunhidos e expressões faciais que denotam dor, sofrimento e referem-se às perdas por conta dos estudantes, líderes, políticos, sindicalistas e pessoas desaparecidas entre 64 e o início dos anos 80 em nosso país. Visceral.”

Imagem 09- Cena da performance do filme Amores de Chumbo



Fonte: print screen tirado do trailer do filme pela acadêmica.

Fantin (2008 p. 51) ao falar de cinema traz Benjamin para defender

(...) sua dimensão libertadora de *arte sem aura*, revelando o potencial político e progressista que esta nova sensibilidade poderia ter, tanto na sua forma de expressão como no conteúdo da existência do homem moderno. Para ele o cinema é uma forma de arte que implicou modificações profundas no aparelho receptivo e nas estruturas da recepção (p.187).

Percebemos na fala do professor Martoso tal percepção ao comentar as seqüência de cenas e de que ao ter a experiência de assistir um filme, e ao relatá-la já pensa numa possibilidade de trabalhar o cinema em suas aulas. Esta afinidade com a linguagem e uma frequente apreciação faz com que o mesmo já preveja ideias para levar a linguagem para o ensino de arte. Não seriam receitas, mas possibilidades, acredito.

Tomemos como exemplo também professora Flávia: “*Sim, em casa assisto bastante filme, de 4 em 4 dias em média.*” Fala que nos remete à um compromisso ritmado. Mantendo essa média, posso afirmar que essa professora assiste em média de 7 a 8 filmes por mês. Seria realmente esse número? Certamente o olhar dessa professora para esta linguagem tem se ampliado significativamente, como algo relativamente ideal. Ampliando o número de filmes assistidos, amplia-se as possibilidades de escolhas, de análise, de crítica sobre quais os filmes para se levar à escola.

Conhecendo a relação dos cinco professores acerca do cinema, partimos para a segunda parte da pesquisa.

4.1 CINEMA NAS MINHAS AULAS? – O ENSINO DA ARTE E CINEMA POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS

Com o intuito de entender as possibilidades de diálogos entre o cinema e o ensino da arte as seguintes perguntas foram formuladas: **Você já trabalhou algum filme com seus alunos? Se trabalhou, como foi? Já falou de cinema para seus alunos? Comente.**

Professora JU “*Nunca falei de cinema com meus alunos. Não tenho conhecimento para isso, teria que pesquisar e no momento, não tenho tempo.*”

A professora reconhece algo importante que é sobre pesquisar a respeito, contudo o tempo é empecilho para tal. Que possibilidades poderiam ser pensadas para responder a esse problema pertinente em relação a falta de tempo

dos professores para estes se aprofundarem em pesquisas? A formação continuada já se faz necessária e penso que nesse caso poderia contribuir para solucionar essa questão. Fantin comenta

(...) pensar o cinema na escola e a educação como formação cultural implica a adoção de uma postura crítica e de capacidade expressivas para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelos filmes e pelas mídias; (...) ocorre que nem sempre esse professor possui arsenal teórico- metodológico apropriado (...). (2008, p. 55, 56)

Como professora Ju levanta a questão, é necessário que o professor conheça o cinema, que o entenda, assim como é importante conhecer as áreas de conhecimento da arte, para poder trabalhar com ela.

Flávia ao tecer suas repostas comenta *“Sim, a última experiência foi com o 1º ano, no qual passei o filme Os Croods, para trabalhar a Arte Rupestre. As crianças adoraram. Pois além da conversa e atividades puderam visualizar. Uma experiência muito interessante que tive foi quando dei aula para o ensino médio. Nas turmas de 3 ano, trabalhei o cinema. Fizeram produções com stop motion. Zootropico também.”*

Aqui, mesmo sendo uma professora que pesquisa, que fala sobre cinema, nos relata uma experiência em que usou o cinema a serviço de, trouxe a produção cinematográfica a fim de trabalhar a arte rupestre. Uma prática que também fica visível na fala da professora Mariana que diz *“Sim (...) Sierra para tratar do Bullyng e autoestima, falamos sobre as guerras, estudamos a guerra de Guernica e com colagem, desenho e pintura eles desenvolveram uma produção artística contextualizada falando dos tipos de guerras que passaram no dia a dia, tanto interna quanto externas. Frida Kahlo para tratar da vida e obra da artista, para compreensão que a arte vem para expressar sentimentos íntimos, tratar questões de morte e vida, doenças, etc.”*

Ocorre que, na maioria das vezes, o filme no âmbito da escola é usado como ilustração e complemento; uma vez que a escola tem sua estrutura de trabalho centrada em texto escrito, o cinema não é visto ali como uma linguagem com determinados conteúdos nem em sua especificidade. (FANTIN,2008 p. 54)

Na fala das duas professoras podemos perceber uma preocupação para com a linguagem do cinema em suas propostas de ensino, ou ele estava apenas fadado a ser um facilitador de conteúdo? Mariana relata uma sequência didática, no

qual percorre caminhos e vai visitando linguagens diferentes, e vai estabelecendo ligações, mas ao trazer o cinema, como se apresentou?

Utilizar filmes como pretexto para projetos pedagógicos ou como suporte do trabalho escolar pode ser um das alternativas de aproximação – desde que se tenha a preocupação em não empobrecer nem limitar o cinema como linguagem e possibilidades culturais (...). (FANTIN,2008 p. 54)

Não é necessariamente via de regra sempre trazer o cinema por ele mesmo nas aulas, de tratar da linguagem do cinema, mas é válido e de suma importância quando abordá-la a fim de complemento em projetos, apreciação etc. ressaltar o cinema como uma linguagem, uma linguagem da arte.

Tomemos o exemplo de Martoso *“O menino e o mundo eu abordei recentemente em sala de aula com os objetivos de ampliar o repertório das crianças (foi na Educação Infantil e 1º ano) e trabalhar a linguagem do desenho com materiais e possibilidades inusitadas com os pequenos. Abordei inclusive questões de composição das imagens, valores (interpretações da narrativa), exercícios de criação de personagens e manipulação em exercícios de criação de curta metragens.”*

Ao trazer o cinema para as aulas, trabalha desde sua apreciação até os elementos que compõe e fazem parte dos processos do cinema. Propiciando um ensino mais potente significativo, pois traz o cinema por ele mesmo além de trabalhar outras linguagens, há uma preocupação em aumentar o repertório, não faz do cinema algo a simplesmente serviço de. Fantin destaca que é de suma importância também que se tenha espaço para *“formação estética nas linguagens da arte e das mídias como forma de compreensão do mundo, das culturas e de si próprio”* (2008 p. 44) da mesma forma que tem para a alfabetização na linguagem escrita e oral.

O menino e o mundo, filme que aparece nos comentários do professor Martoso, é uma animação brasileira de 2013 que narra às aventuras de um menino, no qual não nos é apresentado nomes que parte em busca do seu pai, após esse não volta mais pra casa depois de sair de casa atrás de um emprego. O filme move reflexões a cerca da qualidade de vida dos países subdesenvolvidos, as cenas são um choque de realidade. A forma como a narração é construída e conduzida é impar, uma produção tocante e acida.

Imagem 10- Filme O menino e o mundo (Direção: Alê Abrel 2013)



Fonte: http://www.thecolgateparoonnews.com/af/article_4c9f756c-96e0-11e6-a53f-8b1ff20e482f.html

Juliana também nos mostra que busca trabalhar o cinema por ele mesmo, ela mantém uma preocupação para com o repertório dos alunos para assim poder ampliá-lo quando diz: *“Sim, já trabalhei e como metodologia realizei uma enquete para investigar o que estavam assistindo, e a conclusão que ganharam na enquete filmes de terror e fora da classificação para a idade, um assunto que rendeu questionamentos sobre o porquê em casa assistiam e na escola não. Foi importante esclarecer a importância da classificação. Pesquisei todos os filmes citados por eles na enquete e com a abertura eu sugeri um filme e os alunos aceitaram tranquilamente.”* Nesse sentido Fantin (2008, p. 61 e 62) aponta a importância do professor conhecer os filmes e o cinema para estar assim mais capacitado para propiciar uma melhor fruição, de todos os aspectos que englobam o cinema como a autora mesmo elucida: publicidade, gênero, música, estilo, a história do cinema etc.

(...) a escolha e a seleção de filmes para serem vistos em contextos formativos são fundamentais. Filmes que desafiam, inspiram, provocam e apresentam coisas que não se conheciam; filmes como trabalhos que podem ser lidos, assistidos e interpretados com competência, que são muitos ricos para serem aprendidos de uma vez só e que não se esgota na obra, filmes que possibilitam um trabalho com a criação de outras leituras e visões de mundo (FANTIN, ANO p. 60)

Quando perguntados se já falaram de cinema: Martoso *“Sim. Assim como a fotografia o cinema é um marco de transformações profundas na relação do*

ser humano com as artes. Desde o acesso a arte, às questões próprias do fazer artístico. O cinema mudou concepções da arte, potencializou artistas e suas relações com as linguagens clássicas da arte.”

Juliana *“Sim, é um tema que os alunos gostam e interagem lembrando filmes e temas.”*

Mariana *“Sim. Sobre a linguagem do cinema e sua importância dentro da história da arte.”*

No que se refere à forma de que trabalhariam o cinema nas aulas, os professores responderam:

Martoso *“Apresentação de trechos e/ou obras completas do cinema. Um filme pode ser ponto de partida para projetos, desenvolvimento de atividades de outras linguagens (ver exemplo que citei anteriormente) e, especialmente, a questão da apreciação de obras na escola, desde que bem selecionadas e adequadas ao público.”*

Juliana *“Recolho os conhecimentos prévios e uma escuta atenta, a enquete sobre nome de filmes que as crianças gostam me aproxima deles, a apreciação e após realizo um debate mediado com perguntas sobre o filme e a sua produção. (Registros, reflexões ou mesmo questionamentos).”*

Flávia *“É interessante poder utilizar a tecnologia, como o Datashow, para que a explicação fique mais rica. Utilizar o laboratório de informática. Apresentar o filme A invenção de Hugo Cabret. Experenciar o uso da produção do stop motion, zootrópico...”*

Hugo Cabret, órfão de 12 anos, vive em meio às engrenagens na torre de um relógio na estação de trem de Paris. Vive no anonimato apenas com a herança que seu pai deixou: um autômato. Onde a roubar peças a fim de consertá-lo, até que descobre uma mensagem secreta e passa a tentar a todo custo decifrá-la. A invenção de Hugo Cabret do diretor Martin Scorsese é um filme que trata do cinema por ele mesmo. A narrativa leva o espectador conhecer Georges Méliès e sua história com o cinema. Arrisco a dizer que o filme é uma didática para com a linguagem do cinema, pois é dele que o filme trata. Por isso talvez que a professora diz que trabalhar com ele seja importante, já que é um filme que trata do cinema como arte e revolução.

Imagem 11- Filme A invenção de Hugo Cabret (Direção: Martin Scorsese 2012)



Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/nostalgia-juvenil-domina-o-oscar-o-artista-e-hugo-cabret/>

Para a seguinte pergunta: Conte-nos uma experiência vivenciada a partir do cinema dentro ou fora da sala de aula, Martoso compartilha “A experiência estética, como a do filme “Amores de chumbo” que acabei de relatar: o professor de Artes necessita nutrir-se de experiências com a arte para então compartilhá-las em sala de aula, nos seus projetos. “Ninguém dá o que não tem...” Além das já citadas, o filme “o palhaço” rendeu uma aproximação com as linguagens artísticas do circo com uma turma de nono ano em 2017. Abordei questões no território das identidades com os estudantes, pois ao realizar uma roda de conversa após a exibição, percebi que o conflito do protagonista acerca de “quem era?, o que deveria fazer?” e a “busca da realização pessoal e profissional” expressas no ápice da sua crise marcaram os relatos dos estudantes. Criamos lambes conceituais que se relacionassem com as interpretações do filme e mensagens que os estudantes considerassem relevantes, pertinentes, importantes de serem compartilhadas na escola. Trabalhamos com recorte e colagem na elaboração dos lambes em cartolina A4.”

Martoso deixa visível o quão estreita sua relação com o cinema se faz. Tem conhecimento do quanto o professor dever conhecer para poder estar trabalhando com o cinema. E em suas práticas toma cuidado para propiciar um ensino de arte em que questões do cinema e o que ele aborda por ele mesmo não apenas como auxílio didático. Há uma preocupação evidente em trabalhar a

linguagem do cinema com consciência de suas potências e ainda usá-las em atividades, propostas ricas de significados como ele mesmo exemplifica.

Se a escola abrir espaço para as produções culturais, as crianças poderão ultrapassar fronteiras usufruindo do cinema com suas linguagens e seus códigos. Com uma “ideia na cabeça”, um lápis, uma máquina fotográfica e/ou uma câmera na mão, realizando seus desenhos animados, aprendendo a manipular um projetor, brincando com pedaços de filmes, desenvolvendo técnicas de animação, registrando com câmera fixa seus desenhos, fotografando, discutindo roteiro, gravando, filmando, editando, as crianças estarão produzindo um pouco de suas experiências estéticas e exercendo sua cultura. Assim, ao abrir novas perspectivas no sentido da produção de mídias na escola, o professor ampliará os limites dos trabalhos com papel de outras possibilidades de linguagem, educação e expressão a respeito de como as crianças interpretam o que aprendem e do que elas pensam, sentem e dizem sobre o mundo e sobre si próprias. (FANTIN.2008 p. 61)

Flávia *“Durante meu trabalho de bolsista no Arte na Escola, fazíamos a Mostra de Cinema, as crianças vinham até a Unesc, e montávamos um Cinema no auditório. Um dia uma criança entrando no auditório falou radiante: “Nossa a gente está no Cinema!” naquele momento meu coração se encheu de felicidade, por saber que estávamos fazendo a alegria para aquelas crianças, e possibilitando uma experiência naquele momento única. Muitas nunca tinham ido ao cinema.”*

Oportunizar experiências é um dos papéis da educação, conseqüentemente compete isso ao ensino de arte também. Levar filmes para a sala de aula é dar acesso aos alunos e uma nova vivência que poderá resultar em aprendizado. Assistir filmes na escola se diferencia do filme assistido em casa e do cinema, o que fica evidente na fala do aluno citada anteriormente.

JU *“Uma das experiências mais significativas foi com o filme “Viva a Vida é uma festa”. Exibi este filme para alunos de 5º ano, a fim de trabalhar conceitos relacionados à memória. Exibi para alunos de 6ºs anos para trabalhar questões relacionadas à cultura mexicana. Foi incrível o modo como o filme tocou a mim e aos alunos, provocando emoção em grande parte deles. Foi interessante no sexto ano, que, antes de mostrar o filme, trabalhei a artista Frida Kahlo, a qual o filme faz menção. Uma das meninas, que já havia assistido ao filme antes, relatou “professora, eu já havia assistido ao filme, mas hoje, eu vi muitas coisas que nem havia percebida da primeira vez.”*

Na fala da professora percebemos uma empolgação que sem dúvidas deve também ter contagiado aos alunos. O que é muito válido, pois não há como falar de algo, principalmente se tratando das artes, sem ter um conhecimento e

demonstrar como aquilo se faz importante, esta empolgação deve de fato ter despertado os alunos. Vemos que o filme traz a artista que os alunos estavam a estudar, e sem falar da cultura do país de onde ela vem, e o mais lindo pessoalmente dizendo é a fala da aluna que ao revisitar ao filme que já assistiu ela mesma confessa que percebeu coisas novas, que antes não tinha visto. Ai também fica evidente a importância de se assistir filmes nas escolas, a experiência se difere em muito de assistir em casa, e até mesmo no cinema.

Na escola quando bem desenvolvida e planejada a proposta o ato de assistir a um filme nunca será apenas assistir, até mesmo quando a intenção é aumentar o repertório etc, apreciar enfim. Nesses momentos haverá trocas, dar voz ao outro, debates.

Juliana *“Uma história interessante é de um aluno que possui dificuldade para ler e escrever está no 4º ano do fundamental, e possui dificuldades de concentração para desenvolver certas ações, porém é extremamente auditivo e quando questionado sobre algo explica tudo com detalhes. Durante o filme estava bem concentrado e ao contar o filme com uma riqueza de detalhes e interpretação que impressionou.”*

Ismail Xavier (2003) pesquisador de cinema, diz que é inadmissível que o cinema esteja fora do sistema educacional de hoje. Acredito que a fala da professora é forma sincera de evidenciar isso. Quando o cinema já se mostrou um grande provedor de possibilidades para a educação, de imaginário etc. Já é tempo de este ganhar um espaço e atenção maior. Logo vimos que um aluno com grande potencial estar fadado a um ensino onde a linguagem escrita tem mais mérito dentro da educação, e acredito que pela fala que possa até mesmo limitar. E quantos alunos não se encontram nesta situação? E o que o cinema nesse sentido pode fazer para inclusão que vai além desse ensino tradicional.

Ao serem questionados sobre que **filmes recomendariam**, estes respondem:

Juliana *“Doce Novembro, O Guarda – Costas, A Pele que Habito.”*

Mariana *“Sierra Burgues que trata sobre autoestima, bullying, família, romance; Frida Kahlo que trata da história e vida e obra da artista, suas lutas e conquistas, exemplo de mulher; o Preço do Desafio que trata do olhar do professor para os alunos, o coaching e percepção do potencial dos alunos.”*

Martoso *“O menino e o Mundo (de Alê Abreu); A Invenção de Hugo Cabret; O palhaço. Curtas da Mostra de Cinema Infantil de Santa Catarina. Curtas do Anima Mundi Brasil e América Latina.”*

Ju *“Frida Kahlo. Viva a Vida é uma Festa. Modigliani: paixão pela vida.”*

Flávia *“A vida é Bela, O sorriso de Monalisa e A Invenção de Hugo Cabret.”*

O que esse repertório diz sobre esses professores, o que os levou a indicarem esses filmes? Quantos filmes de produções nacionais apareceram? Todos os filmes citados poderiam ser levados para sala de aula?

Sobre a Lei nº 13.006, de junho de 2014 que determina “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais” ao serem questionados se já tinham escutados sobre ela, onde e como:

JU *“Apenas ouvi falar, não lembro como.”*

Flávia *“Não havia conhecimento dessa lei ainda. Fiquei muito surpresa, e já vou pesquisar sobre.”*

Mariana *“Não me recordava dessa lei.”*

Martoso *“Sim, nos grupos de estudos na UNESCO e formações.”*

Juliana *“Não sabia sobre a lei, e que bom saber! Mais um conhecimento importante sobre o cinema na escola. Sobre os filmes brasileiros converso bastante com os alunos sobre valorizar as produções cinematográficas brasileiras e ainda enfatizo que é cultural a ideia de que só filmes produzidos em outros países são bons, reitero sempre os nossos também são e constantemente são indicados nas grandes premiações do cinema inclusive internacional.”*

Questiono-me aqui mais uma vez como se faz importante a formação continuada dos professores. Assim como em qualquer área de conhecimento a educação sempre muda, se transforma. É importante essa ávida busca de estar sempre atento ao que se ocorre de mudança nesse âmbito. Um professor que busca, que pesquisa sem dúvida proporcionará um ensino de mais qualidade e significativo. A formação continuada permite que as leis e mudanças cheguem a conhecimento do professor e conseqüentemente cheguem à escola. E se como foi apresentado o problema da falta de tempo para se estar conhecendo mais sobre a

linguagem do cinema, e acredito assim também sobre as atualidades outras linguagens, a formação está aí para suprir este problema. Não dá para ignorar o fato de que esta lei se faz de tamanha importância para a nossa cultura e educação, como a professora Juliana comenta acerca das produções nacionais, mesmo esta não tendo conhecimento da lei.

Carlos Magalhães em entrevista para o caderno de Cinema do Professor (2009) faz a seguinte indagação “Como diretor de uma instituição de preservação da memória do audiovisual, penso que todo cinema brasileiro deve ser alvo de interesse, pois se não o estudarmos, se não o pesquisarmos, se não assistirmos a ele, quem o fará?” (p. 43). Percebemos essa preocupação na fala da professora Juliana, que enfatiza a valorização que se tem por filmes estrangeiros (acreditamos ser principalmente norte americanos, cinema dominante atual), em contraposto da valorização dada a nossa própria cultura.

Acredito que pelas falas dos professores fica evidente que o cinema ainda é usado a serviço de, mas que há possibilidades de se trabalhar a linguagem do cinema no ensino da arte, e não apenas como uma mera ferramenta, como tanto receava. Mas que para isso acontecer se faz muito importante conhecer o cinema, apreciar filmes, pois não dá para se ensinar ou propor experiências sobre aquilo que não conhecemos.

Segundo Araujo, no Caderno de Cinema do Professor (2009), “(...) o cinema não existe só como uma arte muito interessante (...), como também uma disciplina que nos ajuda a compreender a ambiguidade das coisas, e, portanto, a compreender o mundo.” (p.23). Sendo que ensino da arte visa também tornar um cidadão mais crítico e sensível ao mundo, trabalhar com o cinema se faz tão importante quanto trabalhar com outra linguagem artística.

Sobre a lei, apenas dois professores dentre os cinco sabiam de sua existência, entretanto como professora Juliana comenta, já tenta conscientizar sobre produções nacionais, por mais que não soubesse da vigência da lei esta tem a preocupação de valorizar as produções nacionais.

5. PROPOSTA DE CURSO

TÍTULO: Para além do espetáculo do cinema. Dialogando com a arte: a “competência para o ver”.

CARGA HORÁRIA/ PÚBLICO ALVO: 8 h/a / Professores de artes

OBJETIVO GERAL: proporcionar para professores de artes uma formação continuada sobre as possibilidades de se trabalhar a linguagem do cinema no ensino das artes.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover reflexões sobre a linguagem do cinema a partir de sua história e processos de produção e como este se faz presente no cotidiano;
- Evidenciar o cinema como um provedor de conhecimento;
- Conhecer leis e documentos que abordam cinema na escola;
- Experimentar a produção de um audiovisual;

JUSTIFICATIVA

A proposta de curso destina-se para os professores de Artes, já que na pesquisa de campo do trabalho conclusão de curso evidenciou-se que aprofundar-se sobre a linguagem do cinema muitas vezes não acontecia por causa da escassez de tempo dos professores. Uma forma viável então é ter uma formação continuada onde a linguagem do cinema se faz presente, para assim os professores perceberem que limitar os filmes apenas como ferramenta a serviço de conteúdo (como na maioria das vezes acontece) acaba por não aproveitar todas as possibilidades que esta linguagem oferece para o ensino de arte. Assim a formação pretende abordar uma breve história sobre a linguagem do cinema e seu processos,

elucidar a importância desta linguagem para dos dias de hoje, quando as imagens se fazem tão importantes.

O poder da imagem e da sua representação desperta a curiosidade e o fascínio dos alunos. O cinema, além de diversão e entretenimento, quando bem utilizado pelo professor, pode se tornar uma ferramenta interessante para discutir questões importantes e fazer a diferença na aprendizagem dos alunos. (SÃO PAULO, 2009 p. 50)

É de suma importância que a pesquisa e ávida busca por conhecimento seja parte da vida dos professores, pois estas práticas acarretam numa significativa mudança no ensino. Entender o cinema e conhecer toda sua potência para o ensino de artes, é um caminho para tal mudança.

METODOLOGIA

Num primeiro momento acontecerá um encontro onde será promovido discussão acerca do cinema como um provedor de conhecimento e uma potência para o ensino da arte nas escolas e as possibilidades de se trabalhar com ele, apresentar leis e documentos que abordam o cinema na escola. Depois da conversa será conduzida a questionar os participantes se ele tem conhecimento de como se dá a produção do cinema, assim direcionando para a próxima parte que é conhecer os processos do cinema (roteiro, produção, plano, enquadramento). Após conhecer seus processos serão exibidas algumas mostras de filmes a fim de aguçar esse “novo olhar” para o cinema e por fim acontecerá uma experimentação onde será pedido que façam um audiovisual em grupo contemplando alguns temas que serão sorteados pela ministrante.

Referências:

SÃO PAULO. DEVANIL TOZZI. (Org.). **Caderno de cinema do professor**. São Paulo: Fde, 2009.

6 CONCLUSÃO

Ao ver esta pesquisa tendo seus objetivos alcançados, mas longe ainda de se dar por acabada, volto sempre às velhas lembranças: o que me motivou os filmes que assisti, a primeira vez que fui ao cinema, às discussões, as aprendizagens. Não foi logo de cara que percebi o quão potente a linguagem do cinema era, mas foi se construindo essa percepção. Essa pesquisa não existiria se eu não conseguisse num ato de introspecção, ou seja, olhar para o meu eu e poder ver tudo aquilo que o cinema me possibilitou, talvez, mantenho ainda, uma fala romântica, e até mesmo idealizada, sobre a linguagem do cinema. Mas não consigo desassociar tamanha maestria que o cinema faz acontecer. Que me fez acontecer.

Quando conclui o ensino médio, ainda sem ter certeza do rumo que as coisas iriam caminhar, meu único objetivo era nunca cessar minha busca por conhecimento, e a escola até então era o lugar onde eu sempre poderia encontrá-lo. Foi esse o motivo pelo qual sabia que queria cursar alguma licenciatura. Graças a sensibilidades de algumas pessoas, me encontrei indo para as artes. Entre tantas vivências e experiências percorridas durante esses quatro anos, o cinema se fez presente, sua presença ganhando novos significados a medida que eu ia conhecendo e aprendendo acerca do ensino da arte, da educação. E desde lá do início quando me indaguei de que forma poderia trabalhar com o cinema nas aulas de arte, e agora fazendo uma pesquisa sobre, lembro-me da tarde chuvosa e fria em que assistia AI. Com minha mãe. E como aquela ação reverbera depois de anos.

Então o que pode o cinema fazer pela educação? Pelo Ensino da arte? Não me restam dúvidas que há muitas possibilidades de diálogo entre a linguagem do cinema o ensino de arte, e mesmo que o cinema não esteja sendo o protagonista das aulas, defendo sua potência no que tange fomentar conhecimento, porque ele é conhecimento. Ainda defendo que é importantíssimo entender sobre esta linguagem por ela mesma, estudá-la. Já que há uma necessidade urgente de entender sobre a imagem, e mais o cinema que nos ajuda a ver.

Por isso que acredito que podemos ir além, a fala dos professores nos mostrou que o cinema se faz presente até mesmo estes dizendo que não entendem

muito sobre, mas que ao levar os filmes o estudam, planejam... Ou, como relatou Martoso, que trabalhou com os processos do cinema e fez experimentações. Vemos que há maneiras, há possibilidades. Por isso afirmo que esta pesquisa é apenas uma etapa concluída. Tenho muito a aprender e a mostrar do quão longe o cinema pode fazer para a educação, em específico o ensino da arte. Nessa direção, afirmo, o cinema como um disparador do pensamento das pessoas e tão por isso pode fazer muito por elas, sendo alunos ou professores.

Retomo, assim, o problema como sendo a interrogante que direta ou indiretamente foi movendo esta pesquisa para então chegarmos à conclusão de suas conquistas. **Como se dá o desenvolvimento dessa linguagem nas aulas de artes?** Vejo que o cinema ainda está muito preso na ideia de uma ferramenta para apoio de, um facilitador, mas que também aparece por ele mesmo, sendo trabalhados seus processos, junto de outras linguagens, aumento de repertório. E que depende muito do professor a forma que o cinema se apresenta. **Os professores trabalham com o cinema em sala de aula?** Sim, alguns professores trabalham o cinema mesmo como uma linguagem, já outros como um complemento, como ficou evidente em suas falas quando trazem experiências com o cinema.

Consideram importante o cinema para o ensino de arte? Retomo a fala de um dos professores “*Entendo o cinema como uma linguagem artística, há mais potência quando abordado desta forma do que mero recurso em sala de aula.*” Acredito que esse recorte fala por ele mesmo, e que a consciência de que o cinema é importante ficou claro na falas dos professores pesquisados, mesmo esses ainda, ousou dizer tendo dificuldades em trabalhá-lo com toda a potência que ele poderia.

Deveríamos, desde muito cedo, aprender a ver as imagens, o que elas mostram, o que elas escondem, que tipo de modelo de representação elas expõem. Numa sociedade como a nossa, imagem possui um papel fundamental e o cinema surge como uma espécie de laboratório para a sociedade do espetáculo em que vivemos. Para servir de ferramenta para a educação, o cinema deve ser entendido nas suas especificidades. Por exemplo, não basta exhibir um filme cujo tema se relaciona com a reforma agrária exigir que os alunos argumentam sobre a questão. É preciso discutir a maneira como o filme a apresenta, qual discurso ele privilegia, de qual linguagem ele se serve para desenvolver o tema. O cinema retém de maneira flagrante o mundo histórico do qual faz parte. Por trazer dentro de si aspectos do mundo, os conflitos do seu tempo, suas forças históricas, o cinema deve ser um instrumento importante para a compreensão do presente. E o problema não é retórico: o futuro depende da maneira como recuperamos o passado no presente. (SÃO PAULO, 2009, p. 44)

É importante reconhecer o cinema como uma potência para o ensino da arte, que os professores tenham consciência disso, mas também se faz importante saber levá-lo para a sala de aula. Ter consciência de sua potencia mas usá-lo a serviço de, é o mesmo que renegá-lo. **Se o cinema se faz presente de que forma reverbera nos alunos?** *“Foi incrível o modo como o filme tocou a mim e aos alunos, provocando emoção em grande parte deles.”* É impossível ficar atônito, passível diante de uma narrativa fílmica. Ela além de causar emoções é uma forma de forçar o pensamento, como disse Oliveira (2014, p. 168) “partindo da ideia de que o cinema pode ser um signo e que aprender diz respeito essencialmente a signos, penso no cinema como outra possibilidade de aprendizado temporal.” **Sobre a lei A Lei nº 13.006, de junho de 2014 que determina a exibição de filmes de produção, ela é de conhecimento dos professores?** Alguns já conheciam, outros passaram a conhecer e notaram a importância desta. Por isso bato na tecla para reforçar a importância da formação, da qualificação, da pesquisa. Um professor que estuda e que busca que está atento, fará suas práticas mais rica e significativa. Penso o quanto estamos perdendo ao deixar de estar se atualizando: um ensino de qualidade, um ensino que humanize que propicie aos alunos serem críticos, várias possibilidades de se ver o mundo no caso da lei de ver e conhecer a nossa própria cultura.

REFERÊNCIAS

- ALIANÇA, Priscila. Pesquisa (auto)biográfica e (auto)formação crítica do professor de língua inglesa. **Revista Holos**, Rio Grande do Norte, vol. 4, n. 27. p. 201-214, set. 2011.
- BARRA, Regina Ferreira. LEI 13.006/2014: ASPECTOS HISTÓRICO-POLÍTICOS DO TRABALHO COM O CINEMA EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA. In: XVIII ENDIPE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO NO CONTEXTO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO: CENAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 18., 2016, Mato Grosso. **Didática e prática de ensino no contexto político contemporâneo: cenas da educação brasileira**. Cuiaba: Crv Editora, 2016. p. 7780 - 7789. Disponível em: <http://www.ufmt.br/endi2016/downloads/Anais_Full.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.
- BAPTISTA, Mariane Blotta Abakerli. **Relações e possibilidades entre o ensino da arte e a perspectiva da cultura visual**, Disponível em: <<https://aprendendocomarte.org.br/wp-content/uploads/2017/05/M%C3%B3dulo-3-Rela%C3%A7%C3%B5es-e-possibilidades-entre-o-ensino-da-arte-e-a-perspectiva-da-cultura-visual.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2018.
- BERGALA, Alain. **A Hipótese-Cinema** – Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- BERNARDET, Jean-claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia, uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014 . ISSN 1983-7348 <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111>
- DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FANTIN, Monica. O processo criador e o cinema na educação de crianças. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. (Org.). **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas: Papirus, 2008, v. , p. 37-65.
- FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999 135 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 143 p
- ILLERIS, Helene; ARVEDSEN, Karsten. FENÔMENOS E EVENTOS VISUAIS - reflexões sobre currículo e pedagogia visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. da Ufsm, 2016. p. 23-49.
- ISMAIL xavier a pesquisa cinematográfica - jogo de ideias. São Paulo: Itau Cultural, 2003. Son., color. Disponível em: <<https://youtu.be/6EtiF50HXUY>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

MARTINS, Alice Fátima. Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino de artes visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Editoraufsm, 2007. p. 111-130.

PILLOTO, Silva S.D. A. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In: OLIVEIRA, Sandra R; MAKOWIECKY, Sandra (orgs). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó, Argos, 2008.

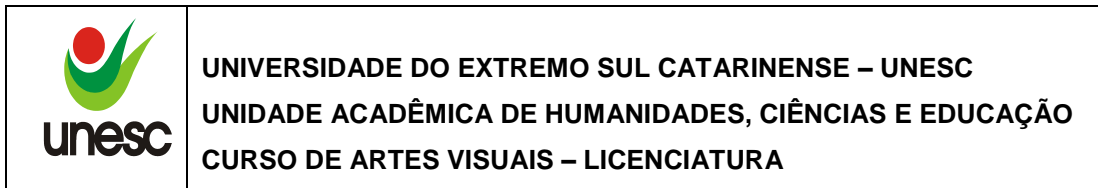
OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. O cinema como modo de pensamento, o cinema como forma de forçar a pensar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Pedagogias culturais**. Santa Maria: Ed. Ufsm, 2014. p. 165-176. SÃO PAULO. DEVANIL TOZZI. (Org.). **Caderno de cinema do professor**. São Paulo: Fde, 2009.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da. Estratégias didáticas na formação de professores de artes visuais. In: SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da; PINTO, Julia Rocha. **Caderno de docência: problematização da teoria/prática no estágio supervisionado**. Florianópolis: Aaesc, 2017. p. 13-40.

TARDIF, Maurice. **Tornar-se professor no mundo de hoje : desafios para a formação e inserção profissional**. In: II II PIBID/SUL- PRÁTICAS DE INICIAÇÃO À DOCENCIA NA REGIÃO SUL: ENFOQUES, AVALIAÇÕES E PERSPECTIVAS, II ENLIC SUL E SEMINÁRIO INSTITUCIONAL PIBID UNISINOS . São Leopoldo, 2017.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO



Esta Pesquisa faz parte de dois Trabalhos de Conclusão de Curso de Artes Visuais-Licenciatura, um da acadêmica Paloma Neves Motta e outro de Nathalia Florêncio, que estão sob orientação da professora Ma. Silemar Maria da Silva Medeiros. Os trabalhos trazem como tema o Ensino da arte e a Linguagem do Cinema. Desde já agradecemos a colaboração.

PERGUNTAS PARA OS PROFESSORES DE ARTES DO ARTE NA ESCOLA POLO UNESC

1. Identificação:

- a. Nome:
- b. Quantos anos trabalha na área da educação?
- c. Qual sua formação?

2. Atua na educação básica?

3. Sobre o tema desta pesquisa, responda:

I. Qual sua relação com o cinema?

II. Cite três filmes que você recomendaria:

III. Você já trabalhou algum filme com seus alunos? Se trabalhou como foi?

IV. Já falou de cinema para seus alunos? Comente.

V. Para trabalhar cinema nas aulas de Artes, quais possíveis metodologias você usa ou usaria?.

VI. Você assiste filme com frequência?


VII. Como você acredita que deve acontecer a escolha do filme a ser trabalhado em sala de aula?

VIII. Conte-nos uma experiência vivenciada a partir do cinema dentro ou fora da sala de aula.

IX. Sobre a lei Lei nº 13.006, de junho de 2014 que determina “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais.” **você já tinha escutado sobre ela? Onde e como?**

ANEXO(S)

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	---

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Paloma Neves
 do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Ma. Silemar Maria
 da Silva de Medeiros para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa
 de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
